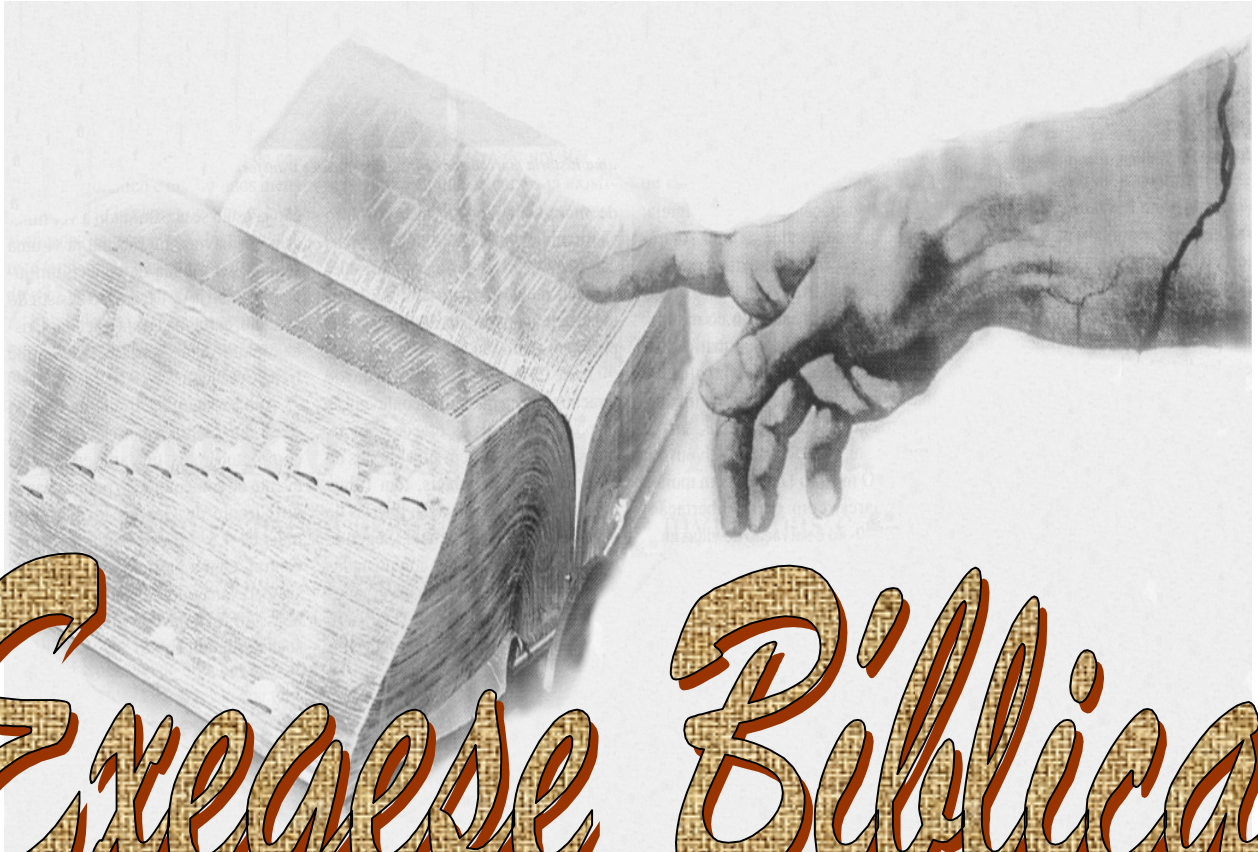


MANUAL DE EXEGESE BÍBLICA



Exegese Bíblica

Gilson Xavier de Azevedo

SUMÁRIO

1.	<i>Eisegese</i> (εισεγερση)	5
2.	<i>Midrash</i> (מדרש)	5
3.	<i>Mishnah</i> (מנהגים)	6
4.	<i>Guemara</i> (גמרא)	6
5.	<i>Talmud</i> (תלמוד)	6
6.	<i>Cabala</i> (קבלה)	7
7.	<i>Tora</i> (תורה)	7
8.	<i>Patrística</i>	8
9.	<i>Escolástica</i>	8
10.	<i>Didache</i> (διδάχη)	8
11.	<i>A Bíblia</i>	8
12.	<i>Septuaginta</i> (LXX)	9
13.	<i>Massora</i>	10
14.	<i>Livros Apócrifos</i>	10
15.	<i>Pseudepígrafos</i>	11
HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA		12
1.	ENTRE OS JUDEUS	12
1.	PALESTÍNICOS	12
2.	ALEXANDRINOS	12
3.	CARAITAS	12
4.	CABALISTAS	12
5.	ESPAANHÓIS	13
2.	NO TEMPO DE JESUS	13
1.	LITERAL	13
2.	MIDRASH	13
3.	PESHER	13
4.	ALEGÓRICA	13
3.	NA IGREJA CRISTÃ	13
1.	PERÍODO PATRÍSTICO	13
2.	PERÍODO MEDIEVAL	13
3.	PERÍODO DA REFORMA	14
4.	PERÍODO CONFSSIONAL	14
5.	PERÍODO HISTÓRICO-CRÍTICO	14
6.	PERÍODO MODERNO	14
REGRAS DE INTERPRETAÇÃO		16
1.	O CONTEXTO	16
1.	CONTEXTO INTERNO	16
2.	CONTEXTO EXTERNO	16
2.	PRINCIPAIS REGRAS	16
LINGUAGEM BÍBLICA		19
3.	FIGURAS DE RETÓRICA	19
1.	SÍMBOLOS	19
2.	TIPOS	20
3.	ENIGMA	20
4.	PARÁBOLA	20
5.	METÁFORA	20
6.	SINÉDOQUE	20
7.	METONÍMIA	20
8.	PROSOPOPÉIA	20
9.	IRONIA	20
10.	HIPÉRBOLE	20
11.	FÁBULA	20
12.	ALEGORIA	21
4.	FIGURAS GRAMATICAIAS	21
1.	SÍMILE	21
2.	ANTÍTESE	21
3.	APÓSTROFE	21
4.	CLIMAX	21
5.	INTERROGAÇÃO	21
6.	PROVÉRBIO	21
7.	ACRÓSTICO	21
8.	PARADOXO	21
9.	PROFECIA	21

10. MILAGRES	22
A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA	23
1. FORMAS ERRADAS DE INTERPRETAÇÃO	23
1. MÍSTICA	23
2. ALEGÓRICA	23
3. DOGMÁTICA	23
4. RACIONALISTA	23
5. MITOLÓGICA	23
6. ESPIRITUALIZADA	23
7. CRONOLÓGICA	23
2. FORMAS CERTAS DE INTERPRETAÇÃO	23
1. LITERAL	23
2. INDUTIVA	24
3. CUIDADOS NA INTERPRETAÇÃO	24
1. COM A GRAMÁTICA	24
2. COM O PROPOSITO	24
3. COM O CONTEXTO HISTORICO-GEOGRAFICO	24
4. O QUE PREJUDICA A INTERPRETAÇÃO	24
1. O DESEJO DE LOUVORES ALHEIOS	24
2. VAIDADE	24
3. SECTARISMO	24
4. ORGULHO	24
PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO	25
1. PRINCÍPIOS DISCRIMINATIVOS	25
1. CRIATURA E FILHO DE DEUS	25
2. ACEITÁVEL E ACEITAÇÃO	25
3. POSIÇÃO E CONDUTA DO CRENTE	25
4. PERFEIÇÃO E MATURIDADE	25
5. CRENTE E PROFESSO	25
6. FATO E PROMESSA	25
7. FÉ E OBRAS	26
8. SALVAÇÃO E GALARDÃO	26
9. LEI E GRAÇA	26
10. REINO DO CÉU E REINO DE DEUS	26
2. PRINCÍPIO REVELATIVO	26
1. MISTÉRIOS	26
2. PARÁBOLAS	26
3. PRINCÍPIO DA CONSEQÜÊNCIA	26
4. PRINCÍPIO DA EXORTAÇÃO	26
5. PRINCÍPIO DA ELUCIDAÇÃO	26
6. PRINCÍPIO DA VONTADE DE DEUS	27
7. PRINCÍPIO DA PRIMEIRA MENÇÃO	27
8. PRINCÍPIO DA REVELAÇÃO PROGRESSIVA	27
9. PRINCÍPIO DA SEGUNDA REFERÊNCIA	27
10. PRINCÍPIO DA MENÇÃO INTEGRAL	27
11. PRINCÍPIO ILUSTRATIVO	27
12. PRINCÍPIO DA MENÇÃO SUBSEQÜENTE	27
13. PRINCÍPIO DA REPETIÇÃO	27
14. PRINCÍPIO DO PARALELISMO	28
15. PRINCÍPIO DE FIGURAS	28
1. COMO SABER O SENTIDO	28
16. PRINCÍPIO NUMÉRICO	28
17. PRINCÍPIO TEMPORAL	28
ERROS DE EXEGESE	29
1. IMPORTÂNCIA	29
2. CUIDADO COM O ESTUDO DOS ERROS	29
3. ERROS DE VOCÁBULOS	29
1. Erro do Radical	29
2. Anacronismo Semântico	29
3. Semântica Antiquada	29
4. Significados Desconhecidos e/ou Improváveis	29
5. Mal Uso do Material de Apoio	30
4. ERROS GRAMATICAI	30
1. Tempo Verbal	30
2. Sintaxe	30
5. ERROS LÓGICOS	30
1. Erro Lógico de Interpretação Alegórica	30
2. Erro Lógico de Semelhança	30

3. Uso Inadequado de Silogismos	31
4. Confusão de Cosmovisões	31
5. Inferências Negativas	31
6. Inferências Injustificadas	31
7. Analogias Inadequadas	31
6. ERROS HISTÓRICOS E DE PRESSUPOSTOS	31
1. Reconstrução Livre da História	31
2. Erros de Causalidade	31
3. Erros por Falta de Distanciamento no Processo da Interpretação	32
A EXEGESE NO NOVO TESTAMENTO	33
1. O CONTEXTO DOS EVANGELHOS	33
1. Histórico	33
2. Literário	33
3. As Parábolas	33
2. A EXEGESE DOS ATOS	34
A HISTORICIDADE DOS ATOS	34
OBSERVAÇÕES SOBRE O PROPÓSITO DOS ATOS	35
ATOS E A HERMENÊUTICA	35
3. A EXEGESE DAS EPÍSTOLAS	35
A INTERPRETAÇÃO DAS EPÍSTOLAS	35
A HERMENÊUTICA DAS EPÍSTOLAS	36
PROBLEMAS HERMENÊUTICOS DAS EPÍSTOLAS	36
4. A EXEGESE DO APOCALIPSE	36
A HERMENÊUTICA DO APOCALIPSE	36
PRATICANDO A EXEGESE	37
1. <i>Jesus afirmou que Pedro o negaria quantas vezes?</i>	39
2. <i>Quantas foram as negações de Pedro?</i>	39
3. <i>Jesus em Jericó...</i>	39
4. <i>Os endemoninhados...</i>	40
5. <i>Conversão de Saulo...</i>	40
6. <i>Faça a conciliação dos seguintes textos:</i>	40
7. <i>Faça a interpretação dos seguintes textos:</i>	40
BIBLIOGRAFIA	41

INTRODUÇÃO À EXEGESE

O termo provém de duas fontes: *Ex* (εξ) que significa **fora** e *Agein* (Αγειν) **guiar, liderar e explicar**. usada para indicar narrativa, tradução ou interpretação. Teologicamente usada para designar a interpretação de modos formais de explicação que podem ser aplicados a algum texto a fim de se compreender o seu sentido. Na linguagem técnica a exegese aponta para a interpretação de um texto literário específico ao mesmo tempo em que os princípios gerais aplicados em tais interpretações são chamados de *hermenêutica*. No AT. Os sacerdotes eram interpretes oficiais (Ag 2, 10-13). Os escribas eram seus sucessores. A exegese e a eisegese aliadas a uma grande imaginação criaram o Talmud com um tom de apelação para o alegórico dando origem aos mais variados absurdos. Os autores do NT dificilmente usaram textos literais, mas apenas eisegeses com exceção da esperança messiânica.

Após o NT vieram os literalistas e alegoristas; Orígenes fora então seu principal propagador usando suposições sobre os textos sagrados baseadas nos sentidos literal, moral, simbólico, alegórico e místico. Alexandria porém ateu-se aos contextos mais literais de interpretação. Na **Idade Média** os exegetas como Pedro Lombard e Tomás de Aquino, baseavam-se na interpretação Literal, Alegórica, Moral e Anagórica ou Mística sendo que esta explicaria os textos sobrenaturais. **Na Reforma** as comparações exegéticas baseavam-se apenas na Bíblia (*Scriptura Interpres Scriptura*), com exceção da teologia ocidental que continuou sendo a principal norma de interpretação luterana. A **Moderna Crítica Bíblica** lança mão de estudos eisegéticos que por sua vez provêm de conclusões um tanto incrédulas dos fatos, personagens e até do Messias de forma relativizadora. É no entanto inútil esperar da exegese revelação inteira, por mais exata que ela seja, há coisas que não nos foram reveladas.

Exegese é o estudo sistemático da palavra de Deus com o objetivo de extrair o sentido original. É uma tarefa histórica que procura entender a Palavra conforme foi ouvida pelos destinatários originais, procurando também descobrir qual era a intenção original das palavras na Bíblia.

Apesar de ser uma tarefa para uma pessoa treinada, para se fazer uma boa exegese não é necessário ser um especialista.

A primeira tarefa do exegeta é ler todo o texto com um pensamento interpretativo, isto é, fazendo perguntas ao texto, começando no passado, procurando se colocar na posição do leitor ou do ouvinte original.

Por outro lado, não se deve começar logo consultando as fontes, mas procurá-las somente quando necessário e, mesmo assim, as melhores fontes de consulta.

A tarefa de interpretar a Bíblia possui duas etapas:

- a) Escutar a palavra que os destinatários originais ouviram, procurando entender o que foi que eles ouviram lá naquela época;
- b) Ouvir esta mesma palavra hoje, aqui e agora.

Resumindo, o exegeta deve cuidar dos contextos externos e internos, bem como das regras da hermenêutica. Veremos a seguir alguns dos muitos termos que ajudam a explicar esta Ciência Bíblica tão Especial e necessária.

1. Eisegese (ΕΙΣΕΓΕΣΕ)

Vocábulo proveniente de duas palavras gregas: *Eis* (εις) que quer dizer para dentro e *egeisthai* (εγείσθηαι) ou explicar. O verbo básico por detrás do ter *ago*, ou dirigir, refere-se à exegese feita por concepções mentais. Eisegese consiste em injetar em um texto idéias que deseja estarem ali. Apesar da diferença, seja na exegese ou a eisegese, o pesquisador sempre trás consigo uma certa subjetividade. Aqui porém ser força a determinado versículo a amoldar-se às idéias que se quer dizer.

2. Midrash (מִדְרָשׁ)

Palavra Hebraica que designa buscar, investigar, daí a idéia de estudo e exposição homilética. No hebraico, *Darash* é sondar, perscrutar. O termo só aparece por duas vezes no AT em II Cro 13, 22 onde a versão portuguesa diz História está o vocábulo midrash; por exemplo o profeta Ido fez o midrash sobre as declarações de Abias. II Crô 24, 27 também aparece em português com história. O **Midrash entre os Rabinos** refere-se a uma exposição exegética feita pelos rabinos e eruditos sobre as escrituras do AT. surgida aproximadamente em 100 a. C. perdurando até 200 d. C. referindo-se a exposições amplas acerca da Lei (Torá), dos Salmos e dos Profetas com

natureza exegética, homilética, alegórica e prática. No sentido mais geral o termo aponta para a totalidade da literatura judáica não canônica incluindo o Talmude e o Jalkuth do séc. XIII d. C.

Da volta do cativo, a Torá era a principal fonte literária judáica; livros como os salmos e os profetas aos poucos foram sendo incluídos, porém nunca foram tidos como cânon. Embora a Torá fosse considerada autoritária, sempre houve o problema da interpretação sendo reservada apenas às maiores autoridades judaicas, no caso os escribas que freqüentemente provinham da seita dos fariseus, a única que sobrevivera à destruição de 70 d. C. Tal tomada de posição deu origem à Midrash; nada disso é negativo, vivemos hoje a interpretação sem autoridade alguma, o que gera a interminável fragmentação de idéias e ilustrações evangélicas e católicas de nossos dias. Os **saduseus** por sua vez eram os literalistas que aboliam as tradições orais da época em torno da Lei, ao contrário dos fariseus; a interpretação judaica hoje é a continuação desta posição dos fariseus.

O *midrashin* como é chamado, possui **duas linhas**: uma é a da Lei, tradição e regra que essencialmente trata das explicações da lei mosaica incluindo os preceitos e situações particulares não cobertas pela letra exata da Lei. O outro tipo era o da narração de exposições bíblicas sobre questões práticas, éticas e devocionais e ainda homiléticas quando se tratava de exortar e não legislar. As **Coletânicas do Midrashin** orais foram aos poucos escritas sendo as mais antigas as *Haláquicas*¹ (1º Tipo – halaka significa regra, lei derivada do *halk*, andar, ir). O segundo *midrashin* é o *Hagádico*² representado em uma coletânea advinda do séc. III d. C. e significa contar, narrar; vem de *higgid* contar.

As Obras sobre **Pregação e Interpretação** são constituídas de material para discussão, instruções e ensinamentos sobre a prédica para mestres rabinos e outros interessados; essa coletânea foi rivalizada pela *mishnah* chegando a absorver essas *midhashim*. A *mishnah* constituía-se de ensinamentos sobre a Lei oral sem alusões às Escrituras. Os comentários rabínicos definiam as leis dando-lhes aplicação universal e elucidando as Sagradas Escrituras mas sem negar a Bíblia.

3. Mishnah (האנהסמ)

A sua raiz hebraica é *Shanah* o ensino. Essencialmente refere-se ao comentário verbal, contínuo e completo, procurando explicar a lei mosaica produzindo instruções legais chamadas de *halachah*. A *Mishnah* é a **primeira parte ou texto do Talmude**. Consiste em tradições orais e comentários sobre o Pentateuco compilados por Judá, o Patriarca (135-220 d. C.). Também chamada de *há-Nasi* ou *há-Kadosh*. Sua compilação se deu por volta de 210 d. C. com contribuições de trabalhos anteriores tendo incorporado muitas regras anteriores à era cristã. O objeto de Judá era por fim aos caos e à confusão na lei judáica. Outras interpretações vieram não sendo nenhuma mais importante que a outras, no entanto Judá era um erudito hábil. Na Bíblia rito e jurisprudência não são distinguidos, *mishnah* agrupou o material em **seis ordens** subdivididas em tratados. As ordens são: Leis Agrícolas, O Sábado e as Festas Religiosas, Leis domésticas, Jurisprudências ou leis civis e criminais, Leis do Templo e dos Sacrifícios, e leis referentes à impureza. A **segunda parte do Talmude** é a *Guemara*,

A Lei Oral registrada na *Mishnah* era muito respeitada por se crer ter sido em parte entregue por Moisés por meio de Josué, depois dos Anciãos de Israel, desses para os Profetas, dos profetas aos Grandes da Sinagoga.

4. Guemara (ארמג)

Significa em árabe aprendizado. Esse código tornou-se o livro texto das academias palestinas e babilônicas. Seus escritos e tradições orais foram recolhidos e reduzidos a um escrito de boa ordem. Nos chegaram sob a forma de um Talmud palestino (das academias da Terra Santa do séc. III e IV d. C.) e um babilônico (séc. III-V d. C.) Os mestres da *Gemara* eram conhecidos como *Amoraim* ou interpretes

5. Talmud (דמלאת)

¹ Seus Livros principais são o **Michilta** que quer dizer tratado versando sobre o Êxodo e a **Sifra** que significa livro, sobre o Levítico e os Números.

² As mais importantes são o *midrash Habboth* que comenta sobre o Pentateuco inteiro e os cinco rolos (Cantares, Lamentações, Eclesiastes e Éster); a **Tanhuma** são as homilias sobre todo o Pentateuco e a **Psikta** de-Rav Kanana são as homilias sobre os dias santos e ocasiões especiais.

Trás o sentido acádico ou urgarítico de aprender, estudar, seu substantivo comum significa discípulo. É a coletânea de escritos rabínicos, de coleções legais e comentários sobre a legislação mosaica. Surge quando a seita dos fariseus começa fazer anotações sobre as tradições judaicas. O Manual de disciplina de Qunrã é indício desse começo; depois essa coletânea assume duas formas: Misnah e Midrash; esses por sua vez estão divididos em seis ordens e cada qual em tratados (63). A Ordem **Zera`iyim** essencialmente chamada sementes com 11 tratados. Ordem **Seder Mo`ed** grandes feriados com também 11 tratados. Ordem **Seder Nashiym**, mulheres com 7 tratados. Ordem **Seder Neziyaqiyim** sobre os danos com 10 tratados. A ordem **Seder Qodoshiym** ou coisas consagradas com 11 tratados. Por fim a Ordem **Taharowth** das purificações de 12 tratados. O Talmude Palestino é um instrumento valioso para o estudo sobre o rabinado e sobre a exegese no juaísmo do período de do séc. II-IV d. C. e teria sido editado pelo rabino Johanan bem Nap (270) com outra edição em 425. O Talmude Babilônico desenvolveu-se em áreas controladas pelos Judeus na mesopotâmia. O seu iniciador foi o fundador da Academia Sura, o Rab Abba Arika cessando de ser expandido pelo rabino bar Huna (495 d.C.).

O Talmude serviu aos judeus de força para a preservação da comunidade religiosa; contribuiu bastante também para a eclosão da Renascença com o reavivamento do estudo sobre as obras clássicas da antiguidade.

6. Cabala (אלאבאצ)

No hebraico Kabel, receber, isto é: tradições transmitidas e aceitas. É o conhecimento místico esotérico do judaísmo baseado na interpretação oculta da Bíblia, à qual foram adicionados elementos de outras religiões e sistemas. A crença judaica reside justamente nas concepções cabalísticas. Suas origens são obscuras (a teosofia especulativa e a taumaturgia prática), mas o tipo de atividade ali representada encontra-se na literatura apócrifa e na Midrash. Durante o seu desenvolvimento, muitas correntes de pensamento fluíram para a corrente principal, como as idéias do gnosticismo, neoplatonismo, neoptagorismo, zoroatrismo, e do sufismo. A Cabala teve começo na palestina, mas foi sistematizada no período 550 a 1000 d. C. As duas principais obras cabalísticas são **Sefer Uetzirah** (O Livro da Formação) sobre os poderes criativos das letras e números; e o **Shiur Komah** (A medida da Altura) sobre a antropomórfica sobre as dimensões de deidade. O movimento passou para a Itália, Espanha, Provença, Alemanha, nos séc. IX e X d.C. No séc. XVI se deu uma retomada das atividades cabalísticas. Seu principal centro foi Safede, na Palestina. Muitos foram os absurdos cabalísticos; pensava-se que, uma vez que a língua hebraica seria a língua de Deus, cada palavra da bíblia escrita em hebraico, bem como cada letra, e mesmo cada sinal vocálico, e todas as suas possíveis permutas e combinações, eram consideradas questões profundos mistérios que encerram. A bíblia era interpretada não só literalmente, mas alegoricamente, homiléticamente e analogicamente com esperança de desvendar sentidos ocultos. As palavras eram interpretadas de acordo com seus valores numéricos numa pseudociência chamada gematria. Cada letra de uma palavra sugeria outras palavras que eram iniciadas pela mesma, disso os cabalistas extraíam certos sentidos chamados *notarikon* (נכראתנ). As principais idéias da cabala são: # Emanações de um Deus transcendental, # a doutrina das esferas (Sefiroth - הטרשם – meditações entre a luz infinita e a criação física), # Muitas ordens de anjos e demiurgos facilitadores da comunhão de Deus e os Homens, # A Reencarnação, # O pecado consiste na separação entre o homem e o ser divino e perfeição a eliminação de tal separação, # A crença no Adão Kadmon, um homem primordial, do qual se deriva o homem terreno; o Adão Kadman seria uma união dos sexos da qual homem e mulher são meros reflexos, # O homem é um microcosmo do universo, # Expresso dualismo entre luz e trevas, pureza e impureza, macho e fêmea, bem e mal, etc. Amuletos, números e letras têm significação própria, o Urim e Tumim provém da Cabala oral.³

7. Tora (ארת)

Seu sentido básico é lançar a sorte sagrada, prática de adivinhação dos oráculos. Posteriormente assume sentido mais amplo como conteúdo da revelação divina, lei divinamente outorgada. Seu sentido mais restrito refere-se aos cinco primeiros livros do AT, ou o Pentateuco atribuído a Moisés. Os Ortodoxos acreditam que essa torá contém toda a lei divina para os homens. Designa também o rolo sobre o qual esses cinco livros são escritos e pelo menos uma cópia disso é depositada na arca de cada sinagoga judaica. É freqüentemente transliterada como lei. No

³ Ver Dr. Jeffrey Santinover. A verdade por trás do Código da Bíblia. E de Michael Drosnini, O código da Bíblia.

hebraico *Yarah* é lançar, atirar, alvejar e por associação de idéia se formula orientação e instrução (II Re 12, 2). A noção de legalidade, vem por conta da Septuaginta onde esse termo é traduzido por **nomos**. Mas esse termo também aponta para decisões a cerca da equidade. No NT aponta para o código mosaico (Lc 2,22; 16, 17; Jo 7, 23; 18, 31; At 13, 39) e pelo menos uma vez se refere a toda a escritura (Jo 10, 34). Na tradição rabínica indica o código escrito pela interpretação do mesmo sob 613 preceitos, onde a palavra jamais aparece com lei, mas como maneira legal de viver.

8. Patrística

Época dos pais da Igreja Cristã, onde se tem os escritos, biografias e doutrinas dos primeiros e mais proeminentes pais da Igreja pós apostólica. Estão divididos em pais ante-nicenos e pós-nicenos. Os mais próximos dos apóstolos eram os **Pais Apostólicos**⁴ (Clemente de Roma, Policarpo, Ignácio, Epístolas de Diogneto, Pastor de Hermas, Orígenes, Irineu, Hipólito, Tertuliano, Cipriano, todos **Ante-nicenos** ou do Concílio de Nicéia em 325 d.C.). Os pais **pós-nicenos** são Ário, Atanásio, Hilário, Basílio, Gregório de Nissa, Cirilo de Alexandria, Teodoro de Mopsuéstia, Jerônimo, Agostinho e João Damasceno. Orígenes foi quem mais influenciou a Igreja Oriental e Agostinho a Ocidental que diferiam em algumas doutrinas teológicas. Há quem creia terem esses pais chegado até Tomás de Aquino (1225-1274) e outros até João Damasceno (675-749). Os pais Apostólicos são sucedidos pelos apologistas do séc. II com escritos de *A pregação de Pedro, Apologia de Quadrato*.

9. Escolástica

É a doutrina, sistema e idéias dos escolásticos. Não há datas exatas, mas vamos considerar seus princípios em VII d. C. atingindo seu cume em XII-XIII quando foram publicados os *Summae* ou sumários de teologia e filosofia. A palavra vem do latim *Scholasticus* ou conferencista, do grego *scholē* (σχολή) lazer ou escola posteriormente, lugar onde se tem lazer ou espaço agradável ao estudo; denota os ensinamentos das escolas eclesiásticas fundadas por Carlos Magno em VIII d. C. Refere-se ao longo período da erudição ocidental intensamente controlada pela teologia e filosofia marcadas pelo formalismo lógico.

10. Didache (διδαχη)

Significa ensinamento e refere-se aos ensinamentos do Senhor. É um breve manual sobre a vida eclesiástica, questões morais e crenças. Crê-se ter sido escrito antes de 150 d. C. e sua substância se encontra na Epístola de Branabé escrita em uma forma mais antiga de Didache. O segundo capítulo oferece orientações sobre o batismo, jejum, e ceia do Senhor. A obra ficou esquecida por cerca de mil anos sendo então redescoberta por Briênios, um ortodoxo de Constantinopla em 1875 e republicada em 1883. O original grego fora citado em Micelânias de Clemente de Alexandria. É mais uma obra catequética que canônica, rejeitada por muitos como não apostólica. Seu conteúdo é composto de: os dois caminhos (cap 1-6), Práticas de Culto, Batismo e Eucaristia (7-10), Regras para líderes e negócios eclesiásticos (11-15 – Cita Apóstolos, mestres, supervisores e diáconos) e por fim Questões escatológicas (16).

11. A Bíblia

Provém do termo *biblos*, ou livros ; termo próprio de uma região da Antioquia, referindo-se aí a uma antiga coleção de manuscritos diversos em papiros. Um termo sinônimo de A Bíblia e os Escritos ou as escrituras (*hai graphai*, e *ηαι γραπται*, *ta grammata ta graphamata*) designa todos os livros do NT. **O Cânon** que significa do grego *Lista* ou *linha de medir*, refere-se ao grupo de livros que entram como Sagrada Escritura. Existem há tempos divergências sobre os livros escritos no AT que devem entrar no cânon; resistências mesmo entre os pré-cristãos. Os samaritanos por exemplo rejeitam todos os livros do AT, com exceção do Pentateuco; em contrapartida no séc.

⁴ Quase todos esses foram gentios, por certo discípulos dos apóstolos ou relacionados a esse círculo. Suas obras revelam grande interesse pelo NT embora não sejam canônicas. Sua razão de ser são as heresias e cismas comuns no início da Igreja. Os escritos dos pais apostólicos são: **Epístolas de Clemente de Roma** (de 95 e de 140 d.C.), **As Sete Cartas de Inácio de Antioquia** escritas quando esse era encaminhado para o martírio em Roma (98-117 aos efésios, magnésios, traliansos, romanos, filadelfios, esmirnenses e policarpo). **Carta de Policarpo aos Filipenses** (135), **O Martírio de Policarpo** (160), **A Didache ou Ensino dos Apóstolos** (90 escrita na Síria). **Epístola de Barnabé** (130), **O Pastor de Hermas** escrita em Roma em 150 d. C. **Carta de Diogneto** (129), **Citações de Pápías de Herápolis** em 125 d. C.

II a.C. as pseudonimas de caráter apocalíptico reivindicam o caráter de inspirados. Entre os rabinos existe inaceitação com relação aos livros de Ezequiel, Provérbios, Cantares, Eclesiastes e Éster. As divergências patrísticas sobre os apócrifos gregos e latinos, se seriam ou não canônicos, o que perdurou até o Renascimento. Há quem pense que o processo canônico é apenas atividade humana e quem crê ser criteriosamente inspirado por Deus. A preocupação com a canonicidade não reside porém na época em que os livros foram aceitos, mas em sua importância e valor intrínseco. Com a Tradução do AT Hebraico para o Grego durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo, e com a inclusão dos livros apócrifos naquela obra (285-246 a.C.), outros livros duvidosos foram acrescentado à lista os Livros aceitos foram: **Lamentações, Baruc, Éster, Eclesiástico, Sabedoria, Tobias, Judite e I-II Macabeus**; contudo as dúlvidas incluíam outros livros, em menor grau e outros apócrifos em maior grau; Catares e Eclesiastes foram os que permaneceram na dúvida por maior tempo. Mesmo após o Concílio de Jamnia em 90 d. C. alguns rabinos ainda relutavam em aceitar o livros de Éster por ali não ser mencionado o Senhor nenhuma vez. Além da Bíblia hebraica, ou Cânone Palestino tema na época helenística o Cânone Alexandrino e a Septuaginta.

Esta continha os 14 livros apócrifos do AT que pelo menos para os judeus da Dispersão eram considerados Sagradas Escrituras. Quase a coleção inteira pela decisão do Concílio de Trento ao tempo da Reforma Protestante foi adotada pela Igreja Católica Romana, ao passo que o Cânon Protestante manteve-se idêntico ao Cânon Palestino (Hebraico) que consiste nos nossos trinta e nove livros do AT organizados porém de forma diferente. No Tempo de Jesus, havia um cânon mais amplo e aceito por todos que ultrapassava os 39 veterotestamentários. Eram pelo menos 3 cânones: Cânone dos Judeus Palestino de tendências farisaicas com 39 livros apócrifos; A Septuaginta ou Cânon alexandrino que incluía os livros apócrifos aceitos pelos judeus da dispersão que falavam grego; e o Cânon Abreviado dos saduceus cujo partido pertenciam muitas autoridades judaicas que dominavam a política da nação que incluía apenas o Pentateuco, excluindo todos os outros do AT. Como porém aceitar o ensino de que o NT não cita o AT apócrifo, se existem muitas citações septuagintas que indicam o respeito por essas obras; da mesma forma os pais da Igreja fazem menção a esses livros tendo é claro alguns discordantes como Jerônimo. Os concílios tiveram grande influência na formação no Cânon do NT, Em Laodicéia (363) os não canônicos foram proibidos sendo aceitos os 27 livros com exceção do Apocalipse. Em Hipona (393) foram aceitos os 27 livros que temos hoje; em Cartago (397) foram os 27 aprovados em 419 houve a separação da Epistola aos hebreus e escritos de Paulo por aceitar que não fora este que os escrevera. Em Nicéia (393) d. C. o Cânon de Atanásio foi aceito com os atuais 27 livros, sendo aceitos por Eusébio bispo de Cesárea, mas não sem restrições; Crisóstomo patriarca de Constantinopla aceitou essa decisão aceitava os 4 Evangelhos, Atos, Epístolas de Paulo, Pedro, João, Tiago e Judas sendo chamado Cânon Peshitto (síriaco). Basicamente os princípios de formação do Cânon foram: Conhecimento Universal e circulação, Autoria dos Apóstolos e de seus discípulos, Segundo a tradição e doutrina dos Apóstolos (Lucas, Atos, Hebreus, Apocalipse e II Pedro), Houve rejeição dos livros escritos mais tarde no período pós-apostólico (epístolas de Clemente), Rejeição dos livros apócrifos como o de Tomé, Evangelhos de André, Atos de Paulo e Apocalipse de Pedro, Rejeição de Literaturas escritas propagadoras de heresias como o Evangelho de Tomé.

12. Septuaginta (LXX)

Nome dado à antiga tradução do AT Hebraico para o Grego, sendo que alguns eram originalmente escritos em Grego necessitando apenas de serem reunidos na coletânea. Septuaginta é o nome romano em Latin do numeral **Setenta** por terem participado da tradução, setenta sábios anciãos judeus porque os judeus que voltaram do exílio babilônico haviam deixado a língua Mater e falavam apenas Grego. A cidade de Alexandria tornou-se uma das principais colônias judaicas; ali esses por necessidade tornaram-se conhecedores do grego (requisito para ser cidadão) por necessidade comercial. A tradução se deu por que Demétrio Falério então bibliotecário da famosa biblioteca de Alexandria diz que Aristéias apresentou ao monarca a proposta de adicionar à sua biblioteca uma coletânea das leis judaicas. Ptolomeu aceitou a proposta e enviou a Jerusalém uma embaixada com uma carta a Eleazar, o sumo sacerdote, pedindo que seis anciãos de cada uma das Doze Tribos fossem enviados a Alexandria para executarem a tradução proposta. A transcrição foi terminada em 72 dias. A comunidade judaica ali reunida encantaram-se com a tradução e pediram uma cópia da mesma proferindo uma maldição a quem fizesse qualquer acréscimo ou retirasse algo. Há quem diga que a tradução envolveu apenas o Pentateuco, pois os demais livros

eram considerados estranhos ao cânon veterotestamentário. Filo de 30-40 d.C. cita a maioria dos livros do Cânon antigo excetuando apenas Esdras, Neemias, Eclesiastes, éster, Cantares e um ou dois profetas menores. No meio cristão esta tradução só foi suplantada pela tradução latina chamada **Vulgata**, isto devido ao crescimento da Língua latina nas regiões cristãs. Durante a Idade Média (séc. V-XV d.C.) o conhecimento tanto grego como hebraico tornou-se por vezes raro no Ocidente, voltando à tona apenas na Renascença. A História da LXX no Oriente teve uma história bem mais longa. Apesar da Fama, a quem considere as muitas faltas graves da LXX; sobretudo o manuscrito de Reis é o mais mal traduzido.

As principais versões do Antigo Testamento de que se tem notícia são: LXX, Versões em Latim Antigo, Síriaco Peshitta, Hexapla Siríaca (traduzida da LXX de Orígenes pelo Bispo Paulo de Tela em 617), Copta (Egípcio – conta com quatro versões do AT baseada na LXX; as versões são: Boárica ou Menfífica, Faiumica e Akahamímica), Vulgata Latina (Fez três traduções dos salmos uma mais fiel que a outra dos manuais originais hebraicos; de início deixou de lado os apócrifos, apesar de ter traduzido os livros de Judite e Tobias; por fim os apócrifos acabaram por ser aceitos na versão Vulgata que foram oficialmente aceita em toda a Europa por toda a Idade Média).

As versões principais do Novo Testamento são as do Latim Antigo (possivelmente produzida na África empregada por Cipriano), Diatesaron (de autoria de Taciano em 160 d. C. preparada em Grego e traduzida em Siríaco), Siríaco Antigo), Peshitta (com 22 livros, exceto |Pedro, João, Judas, Apocalipse), Copta (sendo a mais antiga a Saídica, além das: Fayumica, Akhmimica, Boática), Armênia (de 400 d. C. em Koiné ou bizantino), Geórgia (uma nação do Cáucaso entre o Mar Negro e o Cáspio e o mais antigo Manuscrito do evangelho e o Adysh de 897, o Opiza de 913), Vulgata Latina (tornou-se oficial na religião católica por decreto no Concílio de Trento); Versões Secundárias e Traduções modernas.

13. Massora

Os massoretas eram escribas e mestres cujo intuito era preservar o texto hebraico da Bíblia. Criaram o texto com pontos vocálicos, sendo que o hebraico só possui consoantes; anotaram o texto sagrado nas margens dos rolos e nos fins das seções; suas notas eram de ordem lingüística ou ortográfica, pouco se encontra de exegese.⁵ Começam a trabalhar em 500 d. C e vão até a invenção da imprensa; a totalidade da obra ficou conhecida como Massora e o texto produzido por eles como texto Massorético sendo eles massoretas. A palavra quer dizer **Transmitir** (em hebraico msr – מִסְרָה). Em relação a esses escritos, o descobrimento de Qunrã revelou a exatidão geral, a LXX difere destes, emendas propostas recentemente a fim de se eliminar erros, concordam com os manuscritos do Mar Morto, por eles a apresentação da Bíblia hebraica foi preservada com maior cuidado e com menos variantes que do NT grego.

14. Livros Apócrifos

Do Grego temos apokrufe (αποκρυψε) oculto, secreto, misterioso aplicado a certos livros tidos como sagrados, mas não aceitos por todos como tal; a palavra ocorre em Mc 4, 22 e Lc12, 2, Pois nada está oculto (apokrufon) se não para ser manifesto. Champlin afirma⁶ que: “a maioria dos evangélicos permanece na ignorância desses livros. Mas os que os lêem, dão valor ao menos a certas porções dos mesmos, considerando-as como não menos valor que o teor geral do AT”. Como dissemos, os saduseus aceitavam apenas os livros do Pentateuco, os fariseus o AT como temos hoje nas Bíblias protestantes, os judeus da diáspora os apócrifos; a LXX sempre incluiu os apócrifos. A Igreja Oriental até o fim da patrística e a Ocidental até a Reforma aceitavam-nos de forma geral em igual nível que o restante do AT. **Os tidos Apócrifos do AT são:** I Esdras, II Crônicas (150-50 a.C.), II Esdras aborda os problemas da destruição de 70 d.C. e não a de 586 (90 a.C.), Tobias (190-170 a.C.), Judite (150 a.C. originalmente em hebraico), Adições ao Livro de éster (114-78 a.C.), Sabedoria de Salomão (100-50 a.C. escrito originalmente em grego em Alexandria), Eclesiástico (Sabedoria ou Bem-siraque de cerca de 185 a.C.), Baruque (entre 150-100 a.C.), Epístola de Jeremias incluída geralmente no livro de Baruque (150 a.C.), Adições a Daniel (100 a.C.), Orações de Manassés (séc. I a.C.), I Macabeus (104 a.C. um relato da guerra de independência dos Macabeus), II Macabeus (mais breve relato histórico da obra de Jasan de Cirene que compreende 15 anos).

⁵ Tinham imenso cuidado de se evitar abusos como a Bibliolatria e a Bibliomania.

⁶ Champlin, & Bentes. H-L, verbete Livros apócrifos. P.874.

15. Pseudepígrafos

Traduzido como escritos falsos ou espúrios, sendo isso mesmo por se tratar de invenções não sendo escritos pelos autores aos quais são atribuídos ou sem sua autorização como no caso de Paulo que escreve de próprio punho (Enoque não foi escrito pela personagem veterotestamentaria, Tomé não foi escrito pelo Apóstolo Tomé e o Apocalipse de Abraão não foi escrito pelo patriarca). No caso do uso Bíblico atribui-se o nome livros apócrifos. De modo geral podem ser datados em 200 d.C. e 200 a.C. quase todos de natureza apocalíptica. Sua classificação quanto ao gênero literário é: Narrativas, Testamentos, Escritos Litúrgicos e Apologias.

Estudo do Canon	Crítica Textual	Crítica Histórica	Hermenêutica	Teologia Bíblica
			Exegese	Teologia Sistemática

HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Chegada a Plenitude dos Tempos, Aprouve Deus revelar-se por meio de seu Filho, desta forma, Deus revelou as Escrituras. Ao longo da História, grandes cristãos com frequência propuseram princípios hermenêuticos melhores do que os que eles mesmos praticaram, é o que afirma Henry Virkler ⁷.

1. ENTRE OS JUDEUS

O Habino Hillel, atento estudioso da ascensão cristã, é considerado elaborador das normas básicas da exegese rabínica que acentuava a comparação de idéias, palavras ou frases encontradas em mais de um texto, a relação dos princípios gerais com situações particulares, e a importância do contexto na interpretação.

1. PALESTÍNICOS

Mesmo tendo profundo respeito à Bíblia como a Palavra infalível de Deus, eles usavam um método arbitrário de interpretação. Eles eram bastante criteriosos na transcrição do texto sagrado, tendo por hábito de contar as letras para verificar se, por acaso, faltasse alguma. Tinham a Lei em mais consideração do que os Profetas e os Escritos.

Ao dar ênfase à Lei Oral (que incluía as interpretações dos rabinos), a despeito da Lei Escrita, eles deram margem para outras formas arbitrárias de interpretação. Entre seus maiores intérpretes estava Hillel, que criou sete regras de interpretação.

2. ALEXANDRINOS

Sofriam influência da filosofia de Alexandria, adotando o conceito filosófico de Platão de que, aquilo que for indigno de Deus, não se deve acreditar. Recorriam, para isso, às interpretações alegóricas, afirmando que a letra era apenas um símbolo de coisa mais profundas e ocultas.

3. CARAITAS

Uma seita fundada por Anan Ben David (800 d.C.), considerada os “judeus protestantes”, sendo historicamente descendente espirituais dos saduceus.

A palavra caraíta significa “Filhos da Leitura”. Eles tinham as Escrituras como única autoridade em matéria de fé. Eles desprezavam a tradição oral e a interpretação rabínica. O conflito gerado entre eles e os rabinos, fez surgir o texto massorético. A interpretação (Exegese) dos caraítas era mais correta do que a dos judeus palestínicos e alexandrinos.

4. CABALISTAS

Movimento surgido entre os judeus do século XII. Admitiam ques vogais, etc., que foram entregues à Moisés no monte Sinai, tinham poder sobrenatural. Para fazer suas interpretações do texto sagrado, eles usaram os seguintes métodos:

- a) Gematria - Substituição de uma palavra da Bíblia por outra de mesmo valor numérico.
- b) Notarikon - Formação de palavras pela combinação de letras iniciais e finais, ou considerando cada letra de uma palavra como iniciais de outras, tal como um acróstico.
- c) Temoorah - Concessão de novo significado às palavras por meio de intercâmbio das letras.

⁷ Hermenêutica Avançada. p 36.

5. ESPANHÓIS

O método mais sadio de interpretação surgido entre os judeus espanhóis nos séculos XII e XV.

2. NO TEMPO DE JESUS

Nos dias de Jesus, a interpretação bíblica era de quatro tipos:

1. LITERAL

Interpretação simples que era aceita e compreendida por todos, não havendo discussão à sua volta.

2. MIDRASH

Interpretação bastante fantasiosa em que se achava que todo o texto (frases, letras, acentos, etc.), era inspirado e continha revelações místicas, perdendo a visão do verdadeiro sentido do texto.

3. PESHER

Incluía significação escatológica à interpretação midrástica, relacionando um fenômeno do presente à uma profecia do passado.

4. ALEGÓRICA

Acreditava que o sentido alegórico da interpretação bíblica era mais madura do que o sentido literal.

3. NA IGREJA CRISTÃ

1. PERÍODO PATRÍSTICO

a) Escola de Alexandria - Em Alexandria a religião judaica e a filosofia grega se encontraram e se influenciaram mutuamente, criando a escola que influenciou a interpretação bíblica. Esta escola, influenciada pela filosofia platônica, encontrou o método natural de harmonizar religião e filosofia na interpretação alegórica da Bíblia. Clemente de Alexandria foi o primeiro a aplicar o método alegórico na interpretação do VT. Orígenes, seu discípulo, inspirado pela filosofia de Platão de que o homem é composto de espírito, alma e corpo, aceitou que a Bíblia tem uma tríplice significação: literal, moral e alegórica. Mesmo assim, menosprezou o sentido literal das Escrituras em sua prática exegética.

b) Escola de Antioquia - Fundada por Doroteu e Lúcio no século III. Teve como maiores expoentes, Teodoro - o exegeta e João - Crisóstomo (boca de ouro - por causa de sua eloquência). Eles reconheceram a necessidade de determinar o sentido original da Bíblia, a fim de um melhor aproveitamento. Rejeitaram o sentido alegórico, dando maior importância ao sentido literal na interpretação das Escrituras.

c) Escola Ocidental - É uma forma intermediária de interpretação, que é uma coletânea da alegoria de Alexandria com a literal de Antioquia. Acrescentou um outro elemento na interpretação: a autoridade da tradição e da Igreja, dando valor normativo ao ensino da Igreja no campo da interpretação bíblica. Os principais expoentes foram Hilário, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho.

2. PERÍODO MEDIEVAL

Entre os Principais métodos de interpretação apontados por Agostino, temos:

- a. O intérprete deve possuir fé cristã autêntica;
- b. Deve-se ter em alta conta o significado literal e histórico da Escritura;
- c. A Escritura tem mais que um significado e portanto método alegórico adequado;
- d. Há significado nos números bíblicos;
- e. O AT é também documento Cristão porque Cristo está retratado nele do começo ao fim;
- f. Compete entender o que o autor pretendia dizer, e não introduzir no texto o significado que ele, expositor, quer lhe dar;
- g. O intérprete deve consultar o verdadeiro credo ortodoxo;
- h. O Versículo deve ser estudado em seu contexto, e não isolado dos versículos que o cercam;
- i. Se o significado de um texto é obscuro, nada na passagem pode constituir-se matéria de fé ortodoxa.
- j. O Espírito Santo não toma o lugar do aprendizado necessário para se entender a Escritura. O Intérprete deve conhecer hebraico, grego, geografia e outros assuntos.
- k. A passagem obscura deve dar preferência à passagem clara;
- l. O expositor deve levar em consideração que a revelação é progressiva.

Dentro da exegese, a **letra** mostra-nos o que Deus e nossos pais fizeram; a **Alegoria** mostra-nos o que está oculta a nossa fé; O significado **Moral** dá-nos as regras da Vida diária; a **Analogia** mostra-nos terminamos nossa luta. Neste período havia muita ignorância bíblica, pois, até os clérigos, criam que a Bíblia era um livro cheio de mistérios. Por isso mistificavam a interpretação das Escrituras, estabelecendo o princípio de que a Bíblia somente poderia ser entendida à luz da tradição e da doutrina da Igreja. Aceitava-se o sentido literal, tropológico, alegórico e analógico de Agostinho.

3. PERÍODO DA REFORMA

Neste período veio a renascença em resposta à apatia cultural e religiosa. A ignorância acerca da Bíblia era alarmante, e, com a renascença, descobriu-se a necessidade de recorrer-se aos originais. Os quatro sentidos da Bíblia foi gradualmente deixado de lado, estabelecendo o princípio de que a Bíblia tem um único sentido. Segundo os reformadores a Bíblia é quem estabelece o que a Igreja ensina e não a Igreja o que a Bíblia ensina.

4. PERÍODO CONFSSIONAL

Os protestantes mantiveram o princípio de que a Escritura é interpretada pela própria Escritura. Mas, ao combater a exegese católica romana, correram o risco de limitar a interpretação bíblica aos padrões confessionais da igreja. Surgiram os “credos” ao ponto de cada cidade ter o seu favorito. A exegese tornou-se escrava da dogmática, degenerando-se em mera busca de textos que vinham provar os dogmas.

5. PERÍODO HISTÓRICO-CRÍTICO

Neste período houve uma predominância da reação ao ensino dogmático no campo da hermenêutica e da exegese. A inspiração das Escrituras foi negada em seu sentido verbal, inclusive a infabilidade da mesma. Estabeleceu-se, também o princípio de que a Bíblia deveria ser interpretada como qualquer outro livro, menosprezando, em geral, o elemento divino, limitando-se à discussão de questões históricas e críticas. O surgimento de duas escolas de interpretação, marcou o início deste período.

a) A Escola Gramatical - fundada por Ernesti, que estabeleceu quatro princípios de interpretação do Novo Testamento:

- 1) Rejeição do sentido múltiplo da Escritura, conservando apenas o sentido literal;
- 2) Abandono das interpretações alegóricas, exceto quando o autor indique o que deseja, combinando com o sentido literal;
- 3) Considerar o sentido gramatical em comum com outros livros;
- 4) O sentido dogmático não pode determinar o sentido literal.

b) Escola Histórica - Fundada por Semler, o pai do racionalismo. Chamou a atenção para o aspecto humano da origem histórica e da composição da Bíblia, sendo historicamente condicionada. Desta forma concluiu que, por ter sido escrita por diferentes tipos de pessoas, o conteúdo da Bíblia não possui valor normativo para todos os homens e todos os tempos, mas limitava-se aos seus destinatários originais.

c) Três Tendências Resultantes

- 1) Ala Racionalista - Composta pelos seguidores de Semler, que consideraram a prática da razão como fonte da fé cristã.
- 2) Dupla Reação do Racionalismo - Esta reação veio por duas escolas:
 - (a) A Escola de Conciliação que ignorou a doutrina da inspiração, negou a validade permanente do VT e tratou a Bíblia como outro livro; e
 - (b) a Escola de Hengstenberg, que retornou aos princípios da reforma, acreditando na inspiração plenária e na infabilidade da Bíblia.
- 3) Método Gramático-Histórico Complementar - Tendência que revela que o sentido gramático-histórico não satisfaz plenamente. Por isso procurou complementá-la.

6. PERÍODO MODERNO

a) Liberalismo (final do século XIX) - baseado no racionalismo filosófico, o liberalismo teológico afirma que a autoria da Bíblia é humana e alguns autores diziam que várias partes da Escritura possuíam diversos graus de inspiração, sendo que as partes com graus de inspiração inferiores, podiam conter erros.

b) Neo-Ortodoxia (Século XX) - Difere da ortodoxia tradicional, tais como a infabilidade ou inerrância das Escrituras; vêem as Escrituras como um compêndio de sistemas teológicos às vezes conflitantes acompanhados de

erros factuais. Afirma que a principal tarefa do intérprete é despir o mito de seus envoltórios históricos para descobrir a verdade existencial nele contida.

c) A Nova Hermenêutica - Criado na Europa, depois da segunda-guerra mundial. Possui muitos pontos comuns com a neo-ortodoxia.

d) Hermenêutica Ortodoxa - Afirma que a tarefa do intérprete bíblico é tentar compreender a intenção do autor. Para isso, ele precisa estudar a história, a cultura, a língua e a compreensão teológica que cercam os primitivos destinatários.

Nos séculos XIV e XV predominava profunda ignorância ao conteúdo das Sagradas Letras. O período Renascente chamou a atenção para a necessidade de se conhecer a Bíblia nas Línguas Originais. Erasmo de Rotterdam contribuiu publicando a primeira edição crítica do NT Grego e Reuchlin com sua tradução de uma gramática e léxicos em Hebraico. **Lutero (1483-1546)** acreditava que a Fé e a Iluminação do Espírito Santo eram essenciais para o Bom Interpretar da Bíblia. A Igreja não deveria determinar o que as Escrituras ensinam, mas eles deveriam determinar o que a Igreja ensina. Rejeitou o método alegórico de interpretação da Escritura. Era Literalista baseando-se nas condições históricas, gramaticais e contextuais. Um de seus grandes princípios evangélicos era fazer cuidadosa distinção entre Lei e Evangelho; aquela se refere a Deus em sua ira e este a Deus em sua graça. Quem continuou o trabalho exegético de Lutero foi Melanchton. **Calvino (1509-1564)**, foi o maior exegeta da Reforma; concordava com Lutero considerando a alegoria uma artimanha de Satanás; para Calvino a Escritura interpreta a Escritura, sendo a primeira tarefa de um Intérprete a de deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer.

No período Pós-reforma, o **Confessionismo** abordado no Concílio de Trento (1545-1563) no qual se elaborou uma lista de decretos expondo os dogmas da Igreja católica e criticando o protestantismo. Os credos e variantes teológicas eram as mais variadas possíveis e os métodos hermenêuticos se tornaram deficientes por conta da exegese que acabou criada da dogmática. O **Pietismo** surge como reação à exegese dogmática e amarga do período confessional. Fez significativos avanços para o estudo das Escrituras com uma excelente interpretação histórico-gramatical. O **Racionalismo** aceita apenas a razão como autoridade e Lutero distingue entre o uso magisterial e o ministerial da razão. A razão e não a revelação deveriam nortear a interpretação sendo ainda usada para julgar a revelação nesse período.

A Exegese Moderna foi marcada por muitas correntes de interpretação, no **Liberalismo filosófico** lançou as bases do teológico; neste o estudo através da inspiração foi importante para a nova exegese; exemplificando, o renascimento foi para a exegese como o helenismo para o surgimento cristão. A **Neo-ortodoxia** foi um fenômeno do Séc. XX ocupa uma posição intermediária entre o ponto liberal e o ortodoxo. A infalibilidade e a inerrância não aparecem deste vocabulário. A **Nova Exegese** nasce na Europa ligada à hermenêutica na 2ª Guerra Mundial com a Obra de Bultmann, sendo depois propagada por Fuchs, Gerhard e pelas Idéias de Heidegger; este porém afirmou que Bultmann não se aprofundou o suficiente. No **Cristianismo Ortodoxo**, empreenderam-se estudos da história, da cultura, da língua e da compreensão teológica que cercam os primitivos beneficiários, para tornar claro o que a revelação bíblica significa.

REGRAS DE INTERPRETAÇÃO

4. O CONTEXTO

A palavra “texto” significa “tecido”, e “contexto” é tudo o que vem entretecido - ou com o texto.

Quase sempre os erros de doutrinas são cometidos devido ao descaso que se faz com o contexto. É muito comum as pessoas extraírem o texto esquecendo-se do seu contexto. Há uma premissa que verdadeira que diz: “Quem usa o texto sem o contexto, quer um pretexto”. Podemos observar que as seitas falsas usam sempre deste artifício para basearem suas idéias e heresias.

1. CONTEXTO INTERNO

- a) Imediato - logo a seguir ao texto.
- b) Remoto - podendo incluir todo o livro.

2. CONTEXTO EXTERNO

- a) Histórico - a história universal pode nos fornecer dados importantes para entendermos o texto. Por exemplo: o que se passou no período interbíblico pode nos fornecer melhor entendimento sobre os farizeus, saduceus, essênios, etc.
- b) Cultural - a cultura dos povos da época em que foi escrito o livro, pode nos ajudar a entender, por exemplo, porque Paulo disse que as mulheres deveriam estar caladas na igreja.
- c) Geográfico - a geografia da terra onde ocorreram os fatos bíblicos, nos ajuda a compreender, por exemplo, porque o Mar Morto tinha este nome; qual o trajeto do povo de Israel pelo deserto rumo à Canaã, etc.
- d) Filológico - É importante estudar-se também o significado das palavras nos originais grego, hebraico e aramaico.

5. PRINCIPAIS REGRAS

REGRA 1 - “Enquanto possível, devemos tomar as palavras no seu sentido usual e ordinário”.

Observe que, tomar uma palavra no seu sentido usual e ordinário, nem sempre significa tomá-la no sentido “literal”. Isto porque cada idioma possui seus modos próprios e peculiares de expressão, as vezes tão significantes que, se tomado ao “pé da letra”, perde o seu real sentido

Exemplo: Gn 6.12: “Porque toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra”. Se darmos significado literal para as palavras carne e caminho, o texto perde seu sentido original. Carne aqui significa pessoa e caminho significa costumes, modos de agir.

REGRA 2 - “Devemos entender as palavras no sentido em que indica as frases, ou sentenças, onde estão inseridas”
O significado das palavras variam de acordo com o contexto onde elas estão inseridas.

Exemplo: Mt 26.26b: “...Tomai, comei; isto é o meu corpo”. O conjunto de frases deste versículo mostra que corpo aqui não é no sentido literal, mas no figurado.

REGRA 3 - “Devemos tomar as palavras no sentido contextual”

Isto significa que devemos observar o contexto (com o texto), isto é, os versículos que vêm antes e depois daquele texto estudado.

Exemplo: Ef 3.4: “...quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo”. O mistério aqui, significa a participação dos gentios da Salvação oferecida por Cristo. Este significado é entendido quando verificamos o contexto.

REGRA 4 - “Devemos considerar o objetivo do livro ou passagem que contém as palavras obscuras”

Entendendo o objetivo do livro ou da passagem que contém as palavras obscuras, poderemos entender o significado destas mesmas palavras, dissipando toda dúvida.

Exemplo: A carta aos Romanos expressa o objetivo de Paulo quando escreveu: ir para a Espanha via Roma (Rm 15.4). Tendo isto em consideração podemos entender o significado da justificação do homem perante Deus pela fé e a fé sendo justificada pelas obras diante dos homens.

REGRA 5 - “Devemos levar em consideração as passagens paralelas”

As passagens paralelas são aquelas passagens bíblicas que falam do mesmo assunto, tendo uma relação entre si e fazem referência umas às outras. Também podemos chamar de correlação. Estes paralelos podem ser:

a) de palavras - Gl 3.27: “...de Cristo vos revestistes”- Analizando as passagens de Rm 13.13,14 e Cl 3.12,14, iremos verificar que este revestimento significa uma nova vida, novas atitudes. Não é uma vestimenta literal, mas adornos espirituais.

b) de idéias - Mt 16.18: “...sobre esta pedra edificarei minha igreja...” não quer dizer que Pedro é esta pedra. Vendo as passagens paralelas de Mt 21.42,44; I Pe 2.4,8; Ef 2.20; I Co 3.10,11, podemos ver que esta pedra é Jesus Cristo.

c) de ensinamentos gerais - Rm 3.28: “Conluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”. Não podemos utilizar este texto para dizer que o homem está isento das obras de justiça e santificação. O ensino sobre a justificação é-nos mostrado pelas passagens paralelas que mostram que Deus nos exorta à santidade e pureza (Tg 2.14-26, etc.).

REGRA 6 - “Devemos sempre considerar que a Bíblia tem autoridade”.

Devemos levar em consideração que nem a tradição, nem a razão, tampouco a igreja, possuem tanta ou maior autoridade do que as Sagradas Escrituras.

Exemplo: A crença no nascimento virginal de Jesus é firmada porque simplesmente a Bíblia diz que assim é.

REGRA 7 - “Devemos depender da fé salvadora e do Espírito Santo para interpretarmos e compreendermos a Bíblia”

Quando um cristão lê uma passagem bíblica, é comum entendê-la. Porém quando a lê para um não cristão, torna-se-lhe difícil a captação de seu significado. O apóstolo Paulo diz que o homem natural não aceita as coisas do Espírito, pois elas se discernem espiritualmente (I Co 2.14).

REGRA 8 - “Devemos interpretar as experiências pessoais à luz das Escrituras e não o contrário”

É comum, hoje em dia, ouvirmos alguém dizer: “Eu tive esta experiência (foi para o céu, teve revelações, etc.), Por isso o que vou dizer é a verdade”. Este tipo de afirmações têm causado grandes danos no seio de muitas igrejas. A Palavra de Deus não pode ser motivo de justificativa para experiências pessoais. Muito pelo contrário, as experiências pessoais é que têm de passar pelo crivo das Escrituras.

REGRA 9 - “Os casos apresentados pela Bíblia só tem valor se amparado por uma ordem”

Seguir um personagem bíblico como exemplo, só será válido se a Bíblia exprimir uma ordem para se fazer o mesmo.

Exemplo: somente podemos seguir o exemplo da vida de Davi naquilo que não choque com a Bíblia e que ela apresenta como uma ordenança. Podemos resumir esta regra no seguinte: somos livres para fazer qualquer coisa, desde que a Bíblia não o proíba.

REGRA 10 - “Devemos, ao estudar a Bíblia, ter como propósito primordial a mudança de nossa vida e não o aumento de nosso conhecimento”

É inútil termos a Bíblia na cabeça e não no coração. Devemos procurar aumentar nosso conhecimento bíblico sim! Mas ter o conhecimento sem a prática, de nada irá adiantar. As Escrituras dizem que devemos ser cumpridores da Palavra e não apenas ouvintes. O termo ouvir, no grego, tem sentido de ouvir e entender o que se ouviu.

REGRA 11 - “A investigação e interpretação das Escrituras não é direito exclusivo de alguns, mas de todos os cristãos”

Uma das principais consequências da Reforma protestante foi a devolução da Palavra para o povo. Isto é, a Igreja Católica detinha para si o direito exclusivo de posse e interpretação das Escrituras. Aos cristãos, eram-lhe negado

este direito. Graças a Deus que a Reforma nos devolveu este direito, mas infelizmente muitos cristãos não fazem uso dele...

REGRA 12 - “As Escrituras é que determinam o que a Igreja ensina e não o contrário”.

Nenhum credo ou dogma de igreja alguma poderá substituir a autoridade das Escrituras. Eles somente terão valor se estiverem coerentes com o que a Bíblia ensina.

REGRA 13 - “Uma doutrina só é bíblica se resumir tudo o que a Bíblia diz a respeito daquele assunto”

Para que se possa formar um ensino sobre, por exemplo, a fé, tem-se que estudar tudo o que a Bíblia diz a respeito de fé. Mesmo assim este ensino terá que resumir todos os ensinamentos bíblicos sobre este assunto.

Há ainda muitas outras regras de interpretação. Entretanto cremos que estas já são suficientes para que o estudante da Bíblia possa fazer uma boa interpretação.

LINGUAGEM BÍBLICA

6. FIGURAS DE RETÓRICA

1. SÍMBOLOS

A Bíblia é repleta de símbolos. Os símbolos classificam-se da seguinte forma:

a) **Objetos reais**

- (1) Vestidos - simbolizam justiça real, méritos, etc.;
- (2) Sangue - simboliza a vida;
- (3) Linho Fino - simboliza a justiça real;
- (4) Pão (da Ceia) - simboliza o Corpo de Cristo;
- (5) Vinho (da Ceia) - simboliza o Sangue de Cristo;
- (6) Ouro - simboliza a realeza, glória de Deus;
- (7) Prata - simboliza resgate;
- (8) Cobre - simboliza resistência;
- (9) Fogo - simboliza purificação, juízo divino;
- (10) Incenso - simboliza as orações;
- (11) Sal - simboliza preservação;
- (12) Óleo ou azeite - simbolizam o Espírito Santo, unção;
- (13) etc.

b) **Visões** - Principalmente no AT, há várias visões com simbologia diversas.

Exemplo: Visão da vara de amendoeira (Jr 1.11,12) - simboliza a vigilância do Senhor para cumprir Sua Palavra. O termo hebraico para amendoeira significa “vigilante”, “desperto”.

c) **Sonhos** - Parecidos com as visões, os sonhos também têm sua simbologia.

Exemplo: O sonho das sete vacas gordas e sete vacas magras de faraó, foi interpretado por José como sete anos de fartura e sete anos de fome (Gn 41).

d) Nomes - Os judeus, geralmente davam nomes aos seus filhos de acordo com acontecimentos que marcaram a vida de seus pais na altura do parto. Entretanto, todos os nomes tinham seus significados. Exemplo: Adão - símbolo da humanidade caída. Jesus é o “último Adão” que desfez o que o “primeiro Adão” fez. Matusalém simboliza longevidade; Israel significa príncipe de Deus; Egito simboliza o mundo; etc.

e) Números - Temos que tomar cuidado ao darmos simbologia aos números. Não podemos evitar que haja simbologia nos mesmos, mas, também, não podemos exagerar em sua significação.

Exemplo: Um - simboliza unidade, primazia;

Dois - simboliza divisão, relação, diferença;

Três - simboliza trindade, solidez (as dimensões);

Cinco - simboliza o fraco com o forte (3+2);

Seis - simboliza o homem, sua limitação;

Sete - simboliza perfeição, totalidade, repouso;

Dez - simboliza perfeição ordinal.

f) Cores - As cores também têm sua simbologia:

(1) Azul - simboliza perfeição;

(2) Púrpura - simboliza realeza;

(3) Carmesim - simboliza o pecado do homem e a autoridade divina em torná-lo mais branco do que a neve;

(4) Verde - simboliza esperança.

2. TIPOS

Tipo é a figuração de pessoa, coisa ou evento espiritual por pessoa, coisa ou evento material. Sendo assim, tipo é o que é tomado para representar, e antítipo é a coisa figurada. Vamos ver alguns exemplos:

TIPO	ANTÍTIPO
a) Serpente de metal levantada no deserto (Nm 20.4-9).	a) Jesus levantado no madeiro (Jo 3.14).
b) Jonas no ventre do peixe (Jn 1.17).	b) Jesus no seio da terra (Mt 12.40).
c) Festa das primícias (Lv 23.9-14).	c) Jesus - a primícia dos que ressuscitam (I Co 15.20).

3. ENIGMA

É um tipo de alegoria de difícil solução.

Exemplo: O enigma de Sansão em Jz 14.14. A solução se encontra no contexto da passagem.

4. PARÁBOLA

A parábola é uma alegoria apresentada em forma de narração de fatos comuns com o objetivo de revelar ou ensinar verdades importantes.

Exemplo: Na parábola do Semeador, Jesus ensinou acerca de como o Evangelho é recebido e/ou rejeitado nos corações dos homens (Mc 4.1-20).

5. METÁFORA

Semelhança entre duas coisas que se aplicam a um termo.

Exemplo: “Vós sois a luz do mundo”(Mt 5.14); “...Vós sois as varas...”(Jo 15.5).

6. SINÉDOQUE

Quando se relaciona duas coisas que não são semelhantes entre si.

Exemplo: “A minha carne repousará segura”(Sl 16.9). Carne em lugar de corpo.

7. METONÍMIA

Quando se relaciona uma coisa com outra que tem com a primeira uma relação de causa e efeito.

Exemplo: “... Se eu não te lavar, não tens parte comigo”(Jo 13.8). Lavar aqui significa purificar.

8. PROSOPOPÉIA

É a personificação de coisas inanimadas, dando-lhes os efeitos e ações das pessoas.

Exemplo: “...o amor cobrirá uma multidão de pecados”(I Pe 4.8)

9. IRONIA

É uma expressão de sentido contrário do que se pretende dizer com o objetivo de diminuir, depreciar ou de louvar e engrandecer.

Exemplo: “E sucedeu que, ao meio dia, Elias zombava deles, e dizia: clamai em altas vozes, porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; porventura dorme, e despertará”(I Rs 18.27).

10. HIPÉRBOLE

Figura que diminui ou engrandece exageradamente a verdade das coisas.

Exemplo: “...cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Amém”(Jo 21.25).

11. FÁBULA

É um tipo de narração onde os seres irracionais e os objetos inanimados são apresentados com características pessoais.

Exemplo: “E disse o espinheiro às árvores: se na verdade, me ungis reis sobre vós, vinde, confiai-vos debaixo da minha sombra...”(Jz 9.15).

12. ALEGORIA

Alegoria é a expressão de um pensamento sob forma figurada. É uma expressão fictícia que representa uma coisa para dar idéia de outra.

Exemplo: Judá como um leãozinho (Gn 49.9); Israel, duas águias e a vinha (Ez 17.3-11).

7. FIGURAS GRAMATICAIS

1. SÍMILE

Significa analogia, semelhança, comparação que se faz de uma coisa com outra que se assemelha.

Exemplo: “Eis que vos envio como ovelhas em meio de lobos; portanto sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas”(Mt 10.16). Jesus está fazendo uma analogia referindo-se à simplicidade dos seus discípulos como ovelhas, contra a ferocidade de seus inimigos - lobos.

2. ANTÍTESE

Significa contraste, pensamentos ou palavras opostas.

Exemplo: “Ouvistes que foi dito: olho por olho, e dente por dente. Eu porém, vos digo que não resistais ao mal; mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra”(Mt 5.38,39).

3. APÓSTROFE

É quando o orador ou escritor faz uma interrupção para dirigir-se à uma pessoa ou coisa.

Exemplo: “Jerusalém, Jerusalém que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!”(Lc 13.34). No versículo anterior, Jesus estava falando aos seus discípulos, de repente Ele dirige-se à Jerusalém e exclama.

4. CLIMAX

Também chamado de gradação. É a culminação, o ponto alto ou culminante em uma narração.

Exemplo: “Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”(Rm 8.38,39). Vemos que Paulo, ao falar do amor de Deus, chega ao clímax de sua explanação nestes versículos.

5. INTERROGAÇÃO

É a figura em que o orador ou escritor, dirige-se ao seu ouvinte ou leitor com uma interrogação, ou em tom interrogativo.

Exemplo: “Porventura alcançarás os caminhos de Deus, ou chegarás à perfeição do Todo-Poderoso?” (Jó 11.7).

6. PROVÉRBIO

Máxima, sentença, adágio, ditado de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens.

Exemplo: “Não há profeta sem honra, a não ser em sua própria casa”(Mt 13.57).

7. ACRÓSTICO

É uma composição poética onde o conjunto das letras iniciais dos versos compõe uma palavra, frase, ou verso.

Exemplo: O Salmo 119 é um acróstico feito a partir do alfabeto hebraico.

8. PARADOXO

É uma proposição que é, ou parece ser, contraditória.

Exemplo: “Porque qualquer que quiser salvar sua vida perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará” (Mc 8.35).

9. PROFECIA

A profecia é a revelação de Deus aos homens, através de homens, com a finalidade de salvá-los. Nem sempre a profecia é revelação de fatos futuros. Ela pode ser também de fatos passados e presentes.

Toda profecia deve ser entendida, em primeiro plano, em seu sentido literal. Elas, algumas vezes, foram enunciadas através de figuras de retórica (símbolos, tipos, parábolas, etc.). Entretanto, nenhuma profecia é de interpretação particular, sendo portanto, necessário a observação das regras do contexto e do ensino geral das

Escrituras. Temos que ter em mente que nem tudo acerca da profecia é inteligível, pois nossa mente é limitada e não consegue atender completamente os desígnios divinos.

10. MILAGRES

Devemos saber que os milagres são sinais extraordinários que não se explicam pelas leis da natureza. A Bíblia está repleta de referências à milagres. Estes, além de terem seus efeitos imediatos, também serviam para se ensinar lições espirituais. “Os milagres bíblicos são parábolas em ação!” Os milagres são sinais e, por isso, não são para todo o tempo. Deus os dá para, além de tudo, credenciar o ministério de alguém e fazer notória a Sua Glória manifesta.

Ao estudarmos os milagres devemos fazer aplicação prática às nossas vidas, de modo a provocarem em nós uma firme confiança no poder e na bondade de Deus.

A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

8. FORMAS ERRADAS DE INTERPRETAÇÃO

1. MÍSTICA

Surgiu no século XII, pelos cabalistas (intérpretes judeus) que, tomando a Massorah (uma versão do AT feita pelos massoretas no período de 500 a 1000 d.C.) Diziam que tudo veio de Deus, até a divisão dos versículos, os acentos, e as vogais, pois foram entregues à Moisés no Monte Sinai. As palavras eram interpretadas de acordo com seus valores numéricos (gematria), de acordo com o significado de suas primeiras letras (notarikon) e de acordo com a substituição de algumas letras por outras alterando o significado (temurah). Com isso contribuíram para o misticismo.

2. ALEGÓRICA

Era usado no tempo de Cristo para a interpretação dos mitos gregos. Os crentes adotaram este método em Alexandria para superar dificuldades de interpretação do AT. É uma maneira de explicar o incompreensível e, muitas vezes, o inexplicável.

3. DOGMÁTICA

Esta forma de ma;-interpretar a Bíblia, veio com a reforma protestante. Os teólogos da reforma, que combatiam os dogmas da Igreja Católica, abraçaram de tal forma os dogmas, ou doutrinas, da reforma que se esqueceram de que uma das bases da reforma é que a Bíblia é explicada à luz da Bíblia e não da nossa teologia.

4. RACIONALISTA

Os teólogos racionalistas dizem que a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas contém a Palavra de Deus. Rejeitam por inteiro a infabilidade da Bíblia e são contra as coisas que não podem ser explicadas pela ciência. Por exemplo: os milagres.

5. MITOLÓGICA

É uma teologia do existencialista Bultmann que afirma que na época em que a Bíblia foi escrita, os homens tinham idéias pouco desenvolvidas. Por isso, hoje, temos que apresentar-lhes as verdades em uma “roupa nova” tirando os “conceitos antigos”, já superados.

6. ESPIRITUALIZADA

Embora certos textos devam ser interpretados com sentido espiritual (Gn 3.1 conf. Ap 12.9), geralmente a Bíblia diz aquilo que diz no sentido literal. Não podemos espiritualizar, por exemplo, Sião, Jerusalém, Israel, etc.

7. CRONOLÓGICA

Devemos ter cuidado com a cronologia bíblica que não corresponde com a ordem dos livros nela dispostos. Tampouco podemos dar uma cronologia errada à alguns fatos nela registrados, como por exemplo em II Pe 3.2-14.

9. FORMAS CERTAS DE INTERPRETAÇÃO

1. LITERAL

Em primeiro lugar devemos entender a Bíblia em sua forma literal, sem interpretações particulares. Isto é, os escritores bíblicos disseram aquilo que quiseram dizer quando disseram e escreveram. A posteriori é que devemos buscar o significado de certas expressões e textos como, por exemplo, Jo 1.29.

2. INDUTIVA

Os fatos bíblicos em sua totalidade falam por si mesmo.

10. CUIDADOS NA INTERPRETAÇÃO

1. COM A GRAMÁTICA

- a) Tomar as palavras no sentido gramatical;
- b) Examinar o sentido original das palavras; c) Tomar as palavras dentro de seu contexto.

2. COM O PROPOSITO

- a) Examinar o estilo empregado;
- b) Tomar as palavras em relação com o propósito do livro.

3. COM O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

- a) Estudar as palavras à luz da situação histórica e geográfica.

4. COM O CONTEXTO BÍBLICO

- a) Examinar as passagens paralelas;
- b) Tomar conhecimento do contexto teológico;
- c) Examinar as palavras à luz da Bíblia toda.

11. O QUE PREJUDICA A INTERPRETAÇÃO

1. O DESEJO DE LOUVORES ALHEIOS

Algumas pessoas desejam ser ovacionadas por outras como alguém que conhece profundamente a Palavra de Deus. Este sentimento tem feito com que estas pessoas caiam em laços de heresias. Devemos estar confiantes, não em nossos méritos pessoais, mas no poder do Espírito Santo de Deus.

2. VAIDADE

O desejo de louvores alheios é uma vaidade que todo o exegeta deve evitar. O estudante da Bíblia não pode se vangloriar com o conhecimento bíblico extraído de sua pesquisa. Toda glória pertence a Deus.

3. SECTARISMO

Daí surge a pergunta: Qual é o correto? Denominações geram doutrinas ou doutrinas geram denominações? Muitas divisões e criações de denominações, seitas, religiões, etc., têm sido conseqüências de má interpretação bíblica, ou de uma interpretação particular.

4. ORGULHO

Quando se estuda a Bíblia o “eu” deve desaparecer.

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

12. PRINCÍPIOS DISCRIMINATIVOS

Este é o princípio pelo qual devemos fazer distinção quando Deus estabelece diferença. Isto é, quando Deus claramente estabelece a diferença sobre algum fato, devemos fazer o mesmo. Vejamos algumas destas diferenças:

1. CRIATURA E FILHO DE DEUS

Nem todas as pessoas são filhas de Deus, mas com certeza todas são criaturas. Jo 1.12 nos diz que Deus deu poder de ser feito seu filho aquele que crer em Cristo Jesus. A descendência de Adão é pecaminosa e não tem parte com Deus. Os filhos de Deus são os salvos pela graça, regenerados (Jo 3.1-6; Ef 2.8,9; I Pe 1.4).

2. ACEITÁVEL E ACEITAÇÃO

Aceitação é condição de se viver uma vida aceitável a Deus. É possível o homem ser salvo e ser reprovado por Deus (I Co 9.27). É possível ser salvo e ainda semear para a carne (Gl 6.7,8). Somos aceitáveis aos Senhor no momento em que cremos em Cristo, mas as nossas obras somente serão aceitas se estiverem de acordo com a vontade de Deus (II Co 5.10).

3. POSIÇÃO E CONDUTA DO CRENTE

Todas as pessoas possuem duas naturezas: a carnal e a espiritual. Com o crente não é diferente. Ele já está salvo, esta é a posição dele perante Deus. Entretanto, ele precisa:

- a) Andar em Espírito - Gl 5.16-25.
- b) Andar em novidade de vida - Rm 6.4.
- c) Andar prudentemente - Ef 5.15.
- d) Andar dignamente - Cl 1.10.
- e) Andar em amor - Ef 5.2.
- f) Andar sabiamente - Cl 4.5.
- g) Andar em Cristo - Cl 2.6; I Pe 2.21.
- h) Andar com Deus - Gn 5.24; 6.9.

4. PERFEIÇÃO E MATURIDADE

Nossa perfeição somente será completa quando Cristo vier. Isto é, perfeição física e espiritual. Ver Fl 3.11-15. Olhando para o contexto de Mt 5.48, vamos notar que o princípio da perfeição é andar em comunhão com o próximo.

5. CRENTE E PROFESSOR

Há muito que se professam crente e não têm certeza da salvação. Há diferença entre aquele que tem a salvação e aquele que apenas professa (Jo 3.16; 5.24; 3.36; 10.28).

6. FATO E PROMESSA

Podemos descansar confiadamente sobre os fatos e suplicarmos as promessas. Por exemplo, é um fato que aquele que já creu em Jesus tem a vida eterna. Isto é, o crente não precisa pedir a Deus a vida eterna, pois ele já a tem. Por

outro lado, continuando o exemplo, aqueles que, cansados e oprimidos, vierem à Jesus terão descanso. Esta é uma promessa. É importante discernirmos promessas de fatos, pois evitaremos pedir algo à Deus que já temos.

7. FÉ E OBRAS

A fé é o meio pelo qual o homem é salvo (Ef 2.8). As obras são conseqüências da salvação (Tg 2.14-26). Um homem pode realizar boas obras e não ser salvo. Mas todo o salvo realiza boas obras.

8. SALVAÇÃO E GALARDÃO

Devemos notar que a salvação é para o pecador, mas os galardões são para os salvos. Enquanto a salvação é um dom (dádiva) de Deus, os galardões são recompensas (Lc 19.12-19; I Co 3.11-13; I Ts 2.19; II Co 5.10; Ap 22.12).

9. LEI E GRAÇA

Enquanto a lei é o sistema de regras de conduta dado à Moisés no Sinai, a graça é o favor justo de Deus ao homem. A lei exige justiça do homem, a graça imputa à ele a justiça. (Rm 3.21,22; 8.4; Fl 3.9). A lei exige obras e abençoa os obedientes, a graça exige fé e abençoa os desobedientes (Ef 2.1-2).

10. REINO DO CÉU E REINO DE DEUS

O Reino do Céu é uma parte do Reino de Deus. Deus somente possui um reino que possui diferentes partes. O Reino do Céu será futuro, mas o Reino de Deus começou com o homem e terminará com o homem. O Reino do Céu terá o Messias com Rei e será político em sua esfera. O Reino de Deus tem o próprio Deus como dominador e será moral e espiritual em sua esfera.

13. PRINCÍPIO REVELATIVO

É o princípio em que Deus coneeça no coração do crente a revelação de sua vontade, através de Sua Palavra. Se Deus não revelasse em Sua Palavra o homem nunca saberia da existência de um Salvador. São os mistérios de Deus que Ele revela ao homem.

1. MISTÉRIOS

No AT não há revelação da existência da Igreja. Os profetas predisseram a vinda do Messias de Israel, mas não predisseram o que haveria entre o tempo da vinda de Cristo e o Seu reinado. Cristo veio revelar este mistério em Mateus 13. A Palavra de Deus nos fala sobre o mistério da fé (I Tm 3.9), a qual foi revelada à Paulo e não aos profetas do AT (A conversão dos gentios).

2. PARÁBOLAS

Parábola é uma ilustração através de fatos humanos (físico) para ensinar fatos espirituais. Jesus usou de parábolas para ensinar sobre os Reino dos Céus, e não sobre a igreja. Ao explicar duas de Suas parábolas, Jesus nos ensinou como devemos interpretá-las. Para interpretá-las devemos:

- a) Interpretar todos os termos da parábola;
- b) Verificar qual é o ponto central;
- c) Não desprezar a introdução e a conclusão;
- d) Prestar atenção nos elementos simbólicos;
- e) Interpretar uma parábola obscura, com outra mais clara;
- f) Os termos de uma parábola não pode ter sentido oposto em outras;

14. PRINCÍPIO DA CONSEQÜÊNCIA

Princípio pelo qual Deus justifica a razão de Sua ação. Por exemplo: Fl 2.9 - “Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome.”

15. PRINCÍPIO DA EXORTAÇÃO

Meio pelo qual Deus interpela o homem para que venha a fazer o que é certo, levando-o à um fim prático. Por exemplo: Rm 13.12b - “...Rejeitemos, pois, as obras das trevas e vistamos-nos das armas da luz”.

É o princípio em que Deus exorta, anima, chama a atenção do homem para fazer o que é reto. Por exemplo: Rm 13.12 - “... Rejeitemos, pois, as obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz”.

16. PRINCÍPIO DA ELUCIDAÇÃO

Princípio pelo qual Deus garante aos obedientes o conhecimento da Sua verdade. O pecado cegou o entendimento do homem e somente o Espírito Santo de Deus pode fazer com que ele possa compreender as verdades bíblicas (Jo 7.17).

É o princípio pelo qual Deus garante ao homem fiel o conhecimento de Sua vontade. Somente o Espírito Santo pode desvendar a verdade para o crente, fazendo-o compreendê-la. Por Exemplo: I Co 2.14 - “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido”.

17. PRINCÍPIO DA VONTADE DE DEUS

Este é o princípio pelo qual Deus explica de modo amplo o infinito para o homem finito, através de ensinamentos finitos. Por exemplo, a trindade é um mistério nunca revelado. O homem somente possui uma compreensão finita do que ela é. Da mesma forma a divindade e humanidade de Cristo não é completamente entendida pelo homem. Entretanto, podemos entender que em Cristo havia as duas naturezas tal como o crente possui a natureza humana e a de Cristo.

18. PRINCÍPIO DA PRIMEIRA MENÇÃO

Princípio, pelo qual Deus expressa seu pensamento através da “primeira menção” do assunto principal. É uma espécie de esboço que prevê o que o único autor da Bíblia vai dizer mais a frente. Por exemplo: Gn 3.1 - “Ora a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito”. Aqui está a “primeira menção” sobre Satanás. As demais encontramos em outros textos como II Co 11.3.

19. PRINCÍPIO DA REVELAÇÃO PROGRESSIVA

É o princípio em que Deus revela sua verdade progressivamente na medida em que ela vai se cumprindo. Por exemplo, as sentenças de Gn 1.1 e a de Ap 22.20, demonstram que entre elas há uma progressão de revelação. Isto é, o curso do ensino que nos conduz de uma à outra é progressiva. Quanto mais nos aproximamos de Ap 22.20 a revelação nos aproxima cada vez mais de sua elucidação.

20. PRINCÍPIO DA SEGUNDA REFERÊNCIA

É o princípio em que uma pessoa ou evento que é revelado de antemão, irá referir-se à pessoa de Cristo, ou à algum evento do Seu Reino. Por exemplo, Dt 18.1-8 refere-se à Josué, foi cumprida em Josué, mas amplamente cumprida em Cristo.

21. PRINCÍPIO DA MENÇÃO INTEGRAL

Princípio pelo qual Deus revela sua vontade sobre assunto vital para a vida espiritual do crente. Isto é, Deus toma vários fragmentos referentes à uma verdade particular, podendo haver, inclusive e se necessário, repetição. Por exemplo: A prova e o triunfo da fé em Hb 11.

22. PRINCÍPIO ILUSTRATIVO

É o princípio pelo qual Deus mostra sua insatisfação ao pecado através de ilustrações de juízos. O homem que violar os mandamentos do Senhor cairá em juízo com o Senhor. Por exemplo, o homem que mente ao Espírito Santo (At 5); que profana as coisas sagradas (I Co 11.29,30); etc.

23. PRINCÍPIO DA MENÇÃO SUBSEQÜENTE

É o princípio em que Deus revela mais tarde os detalhes de acontecimentos passados, ou, então, fala de acontecimentos que antes não foram mencionados. Por exemplo, no Salmo 105.17,18, fala os pés de José foram presos em grilhões, coisa que não foi mencionada antes. Um outro exemplo está em Hb 9.19 que fala sobre o sangue aspergido, e que não se encontra em Êxodo.

24. PRINCÍPIO DA REPETIÇÃO

Semelhante ao Princípio da Revelação Progressiva, este é o princípio pelo qual Deus repete verdades em Sua Palavra, acrescentando ou não algum detalhe aqui ou ali. Por exemplo, em Gn 2 Deus repete a criação do homem

revelado em Gn 1. Um outro exemplo está nos livros das Crônicas onde Deus repete o que está nos livros de Samuel e nos livros dos Reis. Já no NT vemos a repetição da biografia de Jesus nos Evangelhos.

25. PRINCÍPIO DO PARALELISMO

É o princípio pelo qual um assunto é esclarecido através de passagens paralelas, ou correlatas. Os paralelismo são encontrados, principalmente nos livros poéticos. As passagens correlatas ou paralelas são geralmente divididas em verbais e reais. Verbais quando a mesma palavra ou frase é empregada. Reais quando o mesmo pensamento se exprime ou o mesmo tema é discutido.

1. PARALELOS REIAS

a) Históricos - Onde o mesmo acontecimento ou série de acontecimentos são registrados. Exemplo: Samuel e Reis com Crônicas; Os Evangelhos, etc

b) Doutriniais - Onde a mesma verdade é expressa. Exemplo: Lc 16.16 com Mt 11.12; etc.

Devemos tomar cuidado no estudo dos paralelismos, ou correlações, considerando os paralelos nas Escrituras do mesmo autor, ou considerar os paralelos de mesmo assunto (Livros históricos com livros históricos...).

26. PRINCÍPIO DE FIGURAS

Tanto quanto possível, devemos interpretar a Bíblia literalmente. Uma das primeiras tarefas do exegeta é determinar se o sentido do texto a ser estudado é literal ou figurado.

1. COMO SABER O SENTIDO

Freqüentes erros têm sido cometidos quando se interpreta literalmente o que Jesus falou em forma figurativa (Jo 4.11,32; 6.52; Mt 16.6-12). As igrejas da Reforma estava dividida por causa da má interpretação do texto “isto é o meu corpo” (Lc 22.19).

a) Há certos textos que o uso do sentido figurado é impossível. Por exemplo: a Lei, os ensinamentos históricos, etc.

b) Se o texto for figurativo recomenda-se os seguintes cuidados:

(1) Ter concepção clara sobre as coisas figuradas, ou de

de onde são extraídas. O uso de tropos (palavra figurativa que diz uma coisa mas significa outra) se fundamenta nas relações ou semelhanças.

(2) Descobrir a idéia principal, sem exagerar nos cuidados com os detalhes.

(3) Testar a compreensão da linguagem figurada, procurando expressar em linguagem literal os pensamentos que elas sugerem.

Mais sobre tropos ver o capítulo “Linguagem Bíblica”.

27. PRINCÍPIO NUMÉRICO

Princípio pelo qual Deus dá significados em certos números usados nas Escrituras, continuando uniformemente com o mesmo significado através da Bíblia. Ver mais sobre este princípio no tópico Símbolos do capítulo “Linguagem Bíblica”.

28. PRINCÍPIO TEMPORAL

É o princípio em que é empregado termos designativos de tempo não conhecido. Por exemplo: Ap 12.13,14 e Dn 7.25 - “tempo, tempos e metade de tempo”. É uma linguagem literal que possui significado simbólico. Na Bíblia, nem sempre dias significam anos (Nm 14.33; Ez 4.4-6), isto é, na hermenêutica não podemos determinar que um dia sempre vá designar um ano (Gn 7.4; Jn 3.4).

ERROS DE EXEGESE⁸

29. IMPORTÂNCIA

A frequência dos erros exegéticos leva-nos a estudá-los para que não venhamos a cometê-los. Se alguém interpretar mal qualquer obra, por mais famosa que seja, nunca irá acarretar conseqüências eternas. Já com a Palavra de Deus, isto não ocorre. Ao interpretarmos a Bíblia estamos lidando com os pensamentos de Deus. Por isso, é que devemos tomar bastante cuidado e nos esforçarmos o máximo para interpretarmos com maior exatidão, entendê-los e ensiná-los corretamente.

30. CUIDADO COM O ESTUDO DOS ERROS

Ao criticarmos (lembre-se que criticar não é ir contra alguma coisa. É, sim, analisar algo de modo imparcial) o texto bíblico, devemos tomar cuidado para não duvidarmos da veracidade das Escrituras.

Um bom exegeta poderá se interrogar: “Se há tantos erros que se pode cometer na interpretação do texto sagrado, como saberei se estou interpretando-o corretamente?” Muitos temem estar ensinando uma inverdade, podendo causar sérios danos ao povo de Deus por falta de habilidade e por ignorância exegética.

31. ERROS DE VOCÁBULOS

1. Erro do Radical

É um dos erros mais comuns. Muitos pensam que sempre pode extrair o significado etimológico pela raiz ou raízes de uma palavra, podendo cair em um absurdo lingüístico. Por exemplo: a origem da palavra inglesa “nice” (agradável) é da latina “nescius” (ignorante). Portanto, nem sempre podemos definir o significado de uma palavra pelo radical.

2. Anacronismo Semântico

Um significado recente de uma palavra não pode ser transportado para um texto antigo. Devemos procurar entender as palavras no sentido em que elas quiseram exprimir na época em que foram escritas.

3. Semântica Antiquada

Neste caso o exegeta consegue o significado de uma palavra no tempo em que foi escrita, mas seu significado não é mais encontrado no campo semântico da palavra. Por exemplo, a palavra “pedagogo” antigamente, significava o escravo que conduzia as crianças à escola, hoje significa professor.

4. Significados Desconhecidos e/ou Improváveis

A palavra grega “kefalh” significa “cabeça”. Mas há quem a interprete metafóricamente como “fonte” ou “origem”, o que é passível de mais de uma tradução, além de incerto. O sentido de “liderança” ou “autoridade” encaixa-se bem melhor. O problema é que tais pesquisas são insuficientes ou, então, muitos dão ouvidos às opiniões alheias sem, contudo, verificar as fontes originais. Ainda há quem queira dar significação particular à determinada palavra

⁸ Ver de Carson, A Exegese e suas Falácias.

deixando de ser imparcial. Mas se fizermos um exame minucioso, podemos verificar que tais práticas não têm como se sustentar.

5. Mal Uso do Material de Apoio

O exegeta deve ser crítico, inclusive do material que usa como apoio à sua exegese, não aceitando simplesmente uma definição de um léxico sem antes analisar se é coerente com o texto sagrado.

32. ERROS GRAMATICAIS

1. Tempo Verbal

a) Aoristo - sem lugar, indefinido.

Este tempo verbal não indica nada mais que uma ação em si sem especificar se a ação é passada, futura, completa, repetida, etc. A simples presença de um verbo no tempo aoristo não significa que a ação não é definida ou localizada em um tempo. Quando lemos que Safira caiu (epesen) aos pés de Pedro, o contexto nos mostra que isto ocorreu imediatamente.

b) A Voz Média

O erro mais comum é supor que toda vez que ocorrer a voz média, sugere que o sujeito age por si só. Isto tem sido usado para sustentar uma doutrina particular. Por exemplo, há quem use a voz média de “pausontai” de I Co 13.8, para afirmar que as línguas e profecias acabaram por si sós depois de cumprirem suas funções naquele tempo e que hoje não há razão para o uso do dom de línguas.

2. Sintaxe

a) Artigo

O artigo definido grego é extremamente difícil de ser classificado de maneira exaustiva. Por causa de alguns usos serem determinados mais pela intenção do falante ou escritor, há muitos erros por parte dos que ignoram os princípios orientadores.

1) É errado pensar que, pelo simples fato do texto grego possuir um artigo, a tradução deva também possuí-lo.

2) É errado pensar que, pelo simples fato do texto grego não possuir o artigo, a tradução não deva possuí-lo.

O grego não possui artigo indefinido, e o seu artigo possui funções diferentes tanto do artigo definido como do artigo indefinido em português.

33. ERROS LÓGICOS

O mau uso da analogia tem levado à muitos erros de interpretação. Vejamos estas analogias:

a) “Por que os carros de bombeiros são vermelhos?

Eles têm quatro rodas e oito homens;

Quatro mais oito são doze;

Doze polegadas faz um regente;

Uma regente é a Rainha Elizabeth;

A Rainha Elizabeth viaja pelos sete mares;

Os sete mares têm peixes;

Os peixes têm barbatanas (do inglês “fins”);

Os Finlandeses (do inglês Finns) odeiam os russos;

Os russos são vermelhos;

Todos os carros de bombeiros são russos;

Por isso é que são vermelhos”

b) Pai, Filho e Espírito Santo são Deus;

Pai, Filho e Espírito Santo possuem natureza divina;

O crente possui a natureza do Filho que é Deus;

Logo; o crente é Deus!

1. Erro Lógico de Interpretação Alegórica

Os 144 mil de Apocalipse 7.

2. Erro Lógico de Semelhança

Nem sempre quando duas coisas são semelhantes em certos aspectos, o são em todos os aspectos. Por exemplo, é erro basear-se em Gl 3.28 para afirmar que por não haver distinção entre homem e mulher, então, não podemos proibir as mulheres de pregar, ensinar e celebrar a Santa Ceia. Como elas pertencem à um sacerdócio real, então elas não são nem mesmo membro da igreja.

Neste caso, a Bíblia não quer dizer que os homens e as mulheres são semelhantes em todos os aspectos (homens nunca darão à luz). Pelo contexto fala-se de justificação. Diante de Deus, nem homem nem mulher possui uma situação de vantagem. Tanto um como o outro é santificado pela fé. Temos que ver as outras distinções que Paulo faz em I Co 14.33b-36; I Tm 2.11-15. Quanto as funções dos homens e mulheres na igreja, nunca podemos afirmar que por serem semelhantes em outros aspectos, eles sejam em todos os aspectos.

Ainda devemos analisar estes casos à luz do contexto bíblico (externo e interno) para saber se estas regras são culturais, para aqueles crentes daquela época ou se são universais.

3. Uso Inadequado de Silogismos

Por exemplo: I Tm 3.11 e At 6.1-6 não podem ser usados para fazer o seguinte silogismo:

“Os sete homens escolhidos em Atos 6.1-6 eram diáconos (premissa não declarada).

Alguns dos homens mencionados em Atos 6.1-6 falavam publicamente e batizavam.

Portando, diáconos (incluindo mulheres) podem (presume-se) falar publicamente e batizar”⁹

4. Confusão de Cosmologias

É erro acreditar-se na experiência e interpretação individual da realidade de uma pessoa como base adequada para interpretar a Bíblia.

Muitos usam a experiência pessoal para interpretar Mc 8.34 dizendo que a cruz é a doença, o marido ou a esposa não crente, o desemprego, as tentações, etc. Mas colocam pouca importância na interpretação do leitor daquela época (morte).

5. Inferências Negativas

Nem sempre quando a proposição for verdadeira significa necessariamente que uma inferência negativa a partir desta proposição seja verdadeira. Por exemplo:

”Todos os judeus ortodoxos crêem em Moisés.

O Sr. Smith não é um judeu ortodoxo.

Portanto, o Sr. Smith não crê em Moisés”¹⁰

6. Inferências Injustificadas

É erro desencadear uma idéia, conceito ou experiência a partir de uma palavra ou idéia, que não tenha relação direta com o texto em questão.

Por exemplo: usar Fp 4.13 para provar que o “tudo” é ilimitado. Apesar de ser uma verdade Bíblica, o texto aqui fala (pelo contexto) em viver alegre tanto na fartura como na fome. Isto é, Paulo diz que ele pode passar por qualquer situação em Cristo Jesus.

7. Analogias Inadequadas

É um erro supor que determinada analogia esclarece um texto ou tema bíblico quando, na verdade, ela é comprovadamente inadequada ou imprópria.

Por exemplo: Ao ilustrar a graça com um juiz que condena dez criminosos e não concede perdão é errado. A analogia correta seria que, após aplicar a pena, cinco deles aceitam o perdão concedido e cinco não o aceita. A diferença está na escolha de cada um.

34. ERROS HISTÓRICOS E DE PRESSUPOSTOS

1. Reconstrução Livre da História

O erro é enfatizar demais a reconstrução histórica especulativa dos judeus e dos cristãos do primeiro século, na interpretação de documentos do Novo Testamento.

2. Erros de Causalidade

⁹ Carson, D.A. - A Exegese e suas Falácias - Vida Nova/1992 - pag. 93

¹⁰ Ib. Carson, D.A. - A Exegese e suas Falácias - Vida Nova/1992 - pag. 93pag. 107

São explicações falhas das causas dos eventos. O erro mais comum é afirmar que se um evento qualquer aconteceu depois de um outro evento, então é porque ele ocorreu por causa deste outro evento.

Por exemplo: Segundo alguns, em At 17.22-31 Paulo falhou em tentar dirigir-se aos ouvintes de forma filosófica e não bíblica. Por isso em 1 Co 2.2, Paulo afirma que, vindo de Atenas, nada procurou saber dos coríntios, por causa de sua experiência em Atenas. É um erro interpretar desta forma o texto. Com certeza Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto, porém não há evidência de causalidade.

3. Erros por Falta de Distanciamento no Processo da Interpretação

É a transferência de uma teologia pessoal para o texto. Quando fazemos isso, a solução é discernir quais são os nossos preceitos e ceder enquanto aprendemos toda a teologia histórica que pudermos.

A EXEGESE NO NOVO TESTAMENTO¹¹

Duas razões justificam as dificuldades de interpretar os Evangelhos: A primeira é que Jesus não escreveu nenhum evangelho. Todos os quatro Evangelhos que temos são provenientes de outras pessoas. A Segunda é justamente o fato de termos quatro Evangelhos.

Os Evangelhos são livros biográficos que contém, além da biografia de Jesus, os seus ensinamentos e profecias. São livros acerca de Jesus.

35. O CONTEXTO DOS EVANGELHOS

Na exegese dos Evangelhos temos de analisar os contextos:

1. Histórico

Devemos procurar ter o máximo de informações sobre o judaísmo do primeiro século antes e depois de Jesus. Isto é importante para entender a forma de ensino de Jesus. Jesus era mestre em usar parábolas, provérbios (Mt 6.21), símiles e metáforas (Mt 10.16), poesia (Mt 7.7-8), perguntas (Mt 17.25), ironia (Mt 16.2-3), etc.

Por outro lado, temos de entender que cada evangelista escreveu com um interesse de explicar um aspecto da vida e do ministério de Jesus.

2. Literário

Temos que levar em consideração que as narrativas foram escritas primeiramente em aramaico, enquanto nossa interpretação é no texto grego. Por outro lado, é impossível que duas pessoas contem a mesma história com as mesmas palavras.

Tomando por exemplo a narrativa da multiplicação dos pães para 5.000, Gordon Fee e Douglas Stuart (1) fizeram a seguinte estatística:

a) Número de palavras:

Mateus - 157 Lucas - 153

Marcos - 194 João - 199

b) Nos sinóticos há 53 palavras comuns.

c) João tem 8 palavras em comum com os sinóticos.

d) Os quatro Evangelhos concordam em:

Mateus com Marcos - 59%

Mateus com Lucas - 44%

Lucas com Marcos - 40%

João com Mateus - 8,5%

João com Marcos - 8,5%

João com Lucas - 6,5%

3. As Parábolas

¹¹ Fee, Gordon D.; Stuart, Douglas - Entendes o que Lês? - Vida Nova/1997 - págs. 107/108.

As parábolas são histórias da vida cotidiana da época, levavam uma carga cultural da época em que foram escritas, e eram usadas para ensinar verdades espirituais.

Para interpretarmos as parábolas temos que levar em consideração a descoberta do público original para quem foram contadas.

A exegese das parábolas deve ser, em princípio, ouvir o que eles ouviram. Mas, para isso, devemos observar as seguintes considerações:

a) A variedade dos tipos de parábolas:

1) Históricas - História simples com começo e fim - O Bom Samaritano; A Ovelha Perdida; O Filho Pródigo; A Grande Ceia; Os Trabalhadores da Vinha; O Rico e Lázaro; As Dez Virgens.

2) Símile - O Fermento e a Massa.

3) Metáfora - O Semeador.

4) Alegoria - Os Lavradores Maus.

b) A função das parábolas - As parábolas funcionam como uma evocação de uma resposta pelo ouvinte. Elas cativavam os ouvintes fazendo-os pensar em suas ações, levando-os a dar alguma resposta a Jesus e seu ministério. Os pontos de referência eram identificados facilmente pelos ouvintes originais, captando a lição. Desta forma, mesmo que venham captar os pontos de referência, as parábolas nunca irão funcionar como funcionaram para os primeiros ouvintes.

Entretanto, podemos fazer exegese tentando captar o que eles captaram, mesmo levando em conta que não podemos captar o impacto que elas causaram naqueles que as ouviram da boca de Jesus.

c) A interpretação das parábolas - Para interpretarmos as parábolas devemos considerar:

1) Os pontos de referência - a chave da interpretação ou compreensão são os pontos de referência, isto é, as várias partes da história que faz relação entre o ouvinte e a história. Os pontos de referência criam as expectativas e prendem o ouvinte na história.

Por exemplo: Parábola de Lc 7.40-42 - Os pontos de referência: O Rei = Jesus; Os devedores = Simão e a prostituta.

2) O auditório - para identificar o auditório original iremos procurar o significado das parábolas. Para isso devemos ouvir as parábolas tantas vezes quando necessário, procurar identificar os pontos de referência que os ouvintes originais captaram e procurar determinar a impressão tal como eles o fizeram. Exemplo: Lc 10.25-37.

3) Falta de Contexto - Há parábolas que não possuem contexto histórico para que possamos identificar os pontos de referência com facilidade. Entretanto, se procurarmos ler várias vezes, poderemos, aos poucos, fazer distinção dos pontos de referência. Exemplo: Mt 18.12-14 - A Ovelha Perdida.

4) Parábolas que Ilustram o Reino - Para interpretarmos as parábolas do Reino, devemos considerar o seguinte:

(a) Não interpretar o primeiro ponto de referência como ilustração do Reino e sim toda a parábola;

(b) As parábolas são veículos da mensagem de Jesus que as usa para chamar o ouvinte à responder o seu apelo ao discipulado.

36. A EXEGESE DOS ATOS

A dificuldade na exegese do livro dos Atos dos Apóstolos, se dá por três razões:

a) Algumas pessoas procuram estudar o livro dos Atos interessadas apenas nos pormenores históricos acerca da Igreja Primitiva;

b) Algumas pessoas estudam o livro dos Atos visando comprovar a veracidade da Bíblia, demonstrando a exatidão histórica de Lucas;

c) Uma grande parte das pessoas buscam no livro satisfazer o desejo religioso e devocional, procurando saber como eram os primeiros cristãos para usá-los como modelos para os dias atuais.

Os interesses pessoais levar as pessoas encarar o livro dos Atos de uma forma seletiva. Entretanto, nosso estudo do livro deverá levar-nos a olhá-lo segundo o interesse de Lucas ao escrevê-lo. Para isso, devemos lê-lo fazendo interrogações ao texto.

A HISTORICIDADE DOS ATOS

Lucas é o único escritor bíblico gentio. Era um médico grego, daí a influência helenística em seus escritos. A narrativa histórica era escrita para entreter, informar, moralizar, encorajar, oferecer uma apologética, além de consumir registros ou fazer uma crônica do passado.

A interpretação dos Atos além de incluir a história com questões tais como o que aconteceu, inclui também questões teológicas tais como o propósito de Lucas ao escrever da maneira que escreveu e o que escreveu. Se pudermos provar que a intenção de Lucas era estabelecer um padrão universal e atemporal, então ele teria estabelecido uma norma para todos os cristãos. Mas, se ele teve outro objetivo ao escrever, então devemos descobrir qual era esse objetivo. Uma das dificuldades enfrentadas é descobrir quem era Teófilo e qual era o interesse real de Lucas ao escrever-lhe. Devemos, ao interpretar a Bíblia, ter o interesse de saber primeiro o que foi escrito para depois procurarmos saber o porque.

Na interpretação do livro dos Atos devemos em primeiro lugar ler, e ler bastante. De preferência ler todo o livro de uma só vez. Enquan

to se lê, deve-se ter um bloco de notas para anotar os assuntos, pessoas e lugares-chaves, bem como as divisões naturais do livro. Em seguida, devemos voltar a ler o livro fazendo referência às anotações anteriores e, por fim, fazer a pergunta: Por que Lucas escreveu o livro dos Atos? Devemos procurar esboçar o livro de Lucas observando suas divisões naturais.

OBSERVAÇÕES SOBRE O PROPÓSITO DOS ATOS

1. Devemos declarar sempre que um dos principais propósitos de Lucas, em Atos, é relatar o papel do Espírito Santo na missão aos gentios.
2. Lucas não se preocupa em relatar detalhes sobre a vida particular, ou biografia dos personagens, tampouco pela organização e pela política da Igreja Primitiva, ou ainda pela expansão do evangelho para o oriente, limitando-se ao eixo Jerusalém-Roma.
3. Será que o que está narrado em Atos serve de norma ou modelo para delinear a vida da Igreja em todos os tempos?

ATOS E A HERMENÊUTICA

1. Só podemos considerar como norma, aquilo que a narração quis ensinar, pois o precedente histórico, para ter valor normativo, deve relacionar-se com a intenção.
2. Não devemos usar analogia bíblica para normatizar nossas ações hoje. Somente podemos ter como norma aquilo que é amparado por uma ordem universal. As vezes, certas práticas são obrigatórias, mas o modo de praticá-las não.

37. A EXEGESE DAS EPÍSTOLAS¹²

Excetuando os Evangelhos, Atos e Apocalipse, a totalidade do Novo Testamento é constituído pelas epístolas. Adolf Deissman(1) faz distinção entre carta e epístola da seguinte forma:

a) Cartas - Não eram literárias, mas eram destinadas à uma pessoa ou um grupo de pessoas para quem foram endereçadas.

b) Epístolas - Era uma forma literária destinada para o público em geral.

Esta distinção pode ser vista com a forma padronizada das cartas neo-testamentárias:

- a) O nome do autor;
- b) O nome do destinatário;
- c) Saudação;
- d) Oração, desejo ou ação de graças;
- e) O desenvolvimento ou corpo;
- f) Saudação final e despedida.

Os escritos do Novo Testamento que não têm os itens a, b, c e f são consideradas epístolas.

Tanto as cartas como as epístolas não são tratados teológicos ou compêndios de teologia, mesmo que haja teologia subtendida. Isto é, mesmo que contenham teologia, mas foram escritas para fazer uma exposição da teologia cristã.

A INTERPRETAÇÃO DAS EPÍSTOLAS

Ao interpretarmos as epístolas devemos considerar o seguinte:

¹² Fee, Gordon D.; Stuart, Douglas - Entendes o que Lês? - Vida Nova/SP - 1997 - Página 30.

1. Reconstruir a situação para a qual o autor está escrevendo. Para isso devemos consultar dicionários, enciclopédias ou outros livros para reproduzir o contexto histórico-geográfico daquela situação. Isto antes de começar o trabalho interpretativo.
2. Ler a carta inteira, do começo ao fim, de uma só vez, para se ter uma visão geral do assunto, fazendo anotações.
3. Procurar extrair o contexto literário. Isto é, seguir o argumento do autor como resposta à situação para a qual escreveu.

A HERMENÊUTICA DAS EPÍSTOLAS

É indiscutível a importância do uso das regras hermenêuticas na interpretação da Bíblia Sagrada. Com as epístolas não é diferente. Vejamos duas regras primárias na interpretação das epístolas:

1. “Um texto não pode ter significado diferente daquele dado por seu autor e seus leitores originais”. Esta regra ajuda, pelo menos, ao intérprete a descobrir o que o texto não diz, limitando sua significação.
2. “Quando as circunstâncias do século I são semelhantes às vivenciadas no século XX, a palavra de Deus para nós é a mesma que foi para eles”.

PROBLEMAS HERMENÊUTICOS DAS EPÍSTOLAS

Ao interpretarmos as epístolas nos deparamos com quatro problemas básicos:

1. O problema da extensão da aplicação.
Será que a aplicação do texto para as circunstâncias do primeiro século pode ser estendido aos dias atuais?
2. O problema de situação em que não se pode comparar com situações atuais.
Como tais textos dizem respeito a nós? Será que têm algo a nos dizer?

3. O problema da relatividade cultural.

Como interpretar e aplicar para nós do século XX, textos condicionados pela linguagem e cultura dos Século I?

4. O problema da teologia aplicada.

Na prática da teologia das epístolas vemos que muitos textos não nos dão total informação sobre um determinado assunto, apenas menciona-o. É o exemplo de I Co 6.2,3 onde Paulo afirma que iremos julgar os anjos, mas não diz como e quando isso se dará.

38. A EXEGESE DO APOCALIPSE

O livro do Apocalipse é o livro mais mal interpretado entre os cristãos. O Apocalipse (Revelação) possui três tipos de literatura: As cartas, a profecia e o apocalíptico, este último não existente em nossos dias.

A HERMENÊUTICA DO APOCALIPSE

1. Procurar a intenção original do autor (João).
2. Estar aberto à possibilidade de um sentido secundário, por ser profético, não percebido por seu autor ou leitores.
3. Não abusar da “analogia da escritura”. Isto é, não usar outros textos bíblicos abusivamente como chave para a interpretação do Apocalipse.
4. Ser sensível ao pano de fundo da composição do livro.
5. Observar os vários tipos de linguagem figurada do apocalipse.
6. Observar quando o próprio João define as suas figuras de linguagem servindo de partida para a compreensão das outras.
7. Ver as visões como um todo e não forçar alegoricamente todos os pormenores.
8. Lembrar-se que as narrativas apocalípticas raras vezes pretendem oferecer uma narrativa detalhada e cronológica do futuro. A preocupação de João é revelar que, apesar das aparências, Deus está no controle da história e da Igreja.
9. Aprender que os quadros acerca do futuro são exatamente isso - quadros, não sendo confundidos com a realidade (Exemplo: as trombetas).
10. Levar em consideração que, as vezes, a literatura escatológica somente será esclarecida quando os fatos ocorrerem.

PRATICANDO A EXEGESE

Para reflexão:

O que significa a mesma Palavra de Deus, hoje; considerando que estes quatro fatores acima são hoje diferentes ?
Dificuldades da Bíblia. Contradições não!

Essas dificuldades vem de:

- a) Nossa incapacidade (Jo 16.12; Mc 4.33; Hb 5.12)
- b) A revelação progressiva da Bíblia (Hb 1.1,2; Mt 5.34; Mc 4.28)
- c) A Bíblia não é um tratado de Ciências, como física, matemática, história, etc.
- d) Ela emprega linguagem popular; arredondamento de números, etc.
- c) A divisão vesicular é imperfeita.
- e) As epígrafes dos editores são imperfeitas
- f) Linguística bíblica, como em Is 45.

5.10 Exemplário prático de exegese

Exemplário prático de Exegese, considerando quanto a Bíblia o:

- a) Idioma
- b) Tempo
- c) Local
- d) Cultura
- e) Contexto
- f) Circunstâncias

1. Gn 16.5 “SENHOR” Somente letras maiúsculas. No original hebraico aqui é Jeová.

“senhor” somente minúscula, como em Gn 18.27, 30, 31, e no hebraico Adonai.

2. Gn 47.31 A palavra “cama”, de Gn 47.31, é citada em Hb 11.21 como sendo “bordado”.

É que as três consoantes dessas duas palavras são as mesmas em pronúncias do falante. Os massoretas (700 d.c) ainda não estavam em evidência nos tempos do NT.

3. Ex 23.7 Deus dizendo “não justificaria o ímpio”. Como entender isto?

Ver também Ex 23.32; Is 2.9; Js 24.19.

4. Ex 29.37 “Tudo o que tocar o altar será santo”; como? De que maneira?

Ver também Ex 30.29 e Lv 6.18,27.

5. Jz 25,25,28,305. O termo bosque ligado a história de Gideão.

6. 2 Sm 18.21 termo “Cusi” e seu significado

Ver também Nm 12.21

7. Sl 90.10 “A duração da nossa vida é de 70-90 anos”

ver a autoria deste Salmo (por Moisés), e a época e as circunstâncias em que foi escrito, em Nm 11.11-32.

8. Pv 1.22 “Simple e simplicidade”. Que são?

9. Pv 25.20 “Coração” significando a pessoa toda.

10. Ec 1.14;9.9 “Debaixo do sol tudo é vaidade”. Que significa vaidade ai?

11. Is 9.12,17,21 A mão de Deus estendida. Pra que?
12. Is 36.2 O termo “Rabsaque” e seu significado (=Comandante-em-Chefe).
13. Is 42.1,19 Dois “Servos de Jeová”, que:
- * Quem é o “servo” do v. 1?
- * Quem é o “servo” do v. 2?
14. Ez 8.1,2 O texto nada tem com a televisão, como alguns estão alegando.
Que significa ?
15. Sf 1.3 Que “arrebato” é esse de que trata o v. ?
16. Zc 14.10 Que significa “exaltar” neste v. ?
17. Mt 13.55 Os irmãos de Jesus segundo a _carne.
Eram irmãos carnais, ou primos (como dizem os romanistas?).
O grego aqui diz “adelphos” – irmãos consanguíneos.
Irmãos significando parente , é “sungenes”.
18. Mt 17.15 “Lunático” é no grego “selenazol”. Porque durante a lua cheia os ataques pioravam.
19. Mt 25.27 “Banqueiro” ai, é o que?
20. Mc 14.36 “Abba” termo aramaico. Esta é uma das evidências de que Jesus falava esta língua. Abba aparece apenas três vezes no NT; Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6.
é um termo carinhoso para pai, correspondendo em nosso idioma a papai, e paizinho.
21. Mc 10.25 O fundo da agulha e camelo.
Nunca existiu em Jerusalém porta ou postigo com este nome fundo da agulha. Para invencione. A expressão de Jesus significa simplesmente algo impossível.
É impossível uma pessoa se salvar pondo sua confiança nas riquezas. Ver também Mt 19.24; Lc 18.25.
22. Mc 15.43 “Senador”. Não se trata do senador dos senados atuais, mas de um membro do Sinédrio.
23. Lc 16.9 Um texto de fato difícil.
Forma interrogativa na construção, Isso ajuda.
24. Jo 21.7 “Porque estava nu”. Isso refere-se a roupa externa dos Judeus de então, não a roupa interna.
25. At 1.12 “Caminho de um Sábado”. = 6 estádios (medida grega de superfície equivalente a 185 metros, isto da pouco mais de 1 quilometro).
26. At 28.2 “bárbaros”. Em grego, este termo era aplicado a todos que não falavam o idioma grego. (Hoje é diferente em nosso idioma).
27. 1 Co 2.13 “Comparando as coisas espirituais com as espirituais”.
Interpretando verdades espirituais para homens espirituais.
28. 1 Co 11.34 “Ordená-las-ei quando for”. As porei em ordem. /não significa darei ordem).
29. 1 Co 13.12 “agora vemos por espelho em enigma”. Os espelhos de então não eram vidro como os de hoje, que reproduzem com exatidão o nosso rosto. Eram de metal, e reproduziam a imagem de forma imprecisa e distorcida.
30. 1 Co 16.22 “Maranata”. Termo da língua aramaica.
Se escrito “Maranata ta. Vem, nosso Senhor.
Se escrito “Maran ata = Significa: O Senhor está vindo!
31. 2 Co 6.5 “Nos trabalhos, nas vigílias e nos jejuns”.
= Trabalho volumoso, sem dormir, e sem comer.
32. 2 Co 3.6 “A letra mata”. Isto refere-se a dipensação da lei (v. 7).
33. 2 Co 6.7 “Pelas armas da justiça, a direita e a esquerda
armas de ataque (espirituais).
34. 2 Co 10.3 “Andando na carne”. Vivendo neste corpo mortal.
35. Gl 4. 24 “Porque estes são os dois concertos. “Porque estes são figuras dos dois concertos.
A ARC dia “estes” (tradução falha) a ARA diz “estas” (tradução correta). Pode ser falha de revisão gráfica.
36. 1 Tm 2.15 “Salvar-se-á ai, refere-se a vida física. (trata-se de uma promessa para mulheres grávidas).
37. 1 Tm 2.9 Que tipo de tranças era este mencionado aqui. (pesquisar).
38. 1 Jo 5.16.17 “ Pecado para morte ”. “ Morte ” em que sentido ?
39. Ap 12.16 E a terra ajudou a mulher...” = Terra em que sentido ?

40. Ap 13.15 “Imagem” ai, nada tem a ver com a televisão, com muitos ensinam. (No original o termo é “Ikon”. Trata-se de uma imagem real, conforme Mt 24.15; 1 Ts 2.3,4.

39. Jesus afirmou que Pedro o negaria quantas vezes?

Textos	Mateus 26.31-35	Marcos 14.27-31	Lucas 22.31-34	João 13.38
Quando?				
Onde?				
Contexto				
Pedro				
Jesus				
Qtde de canto do galo				
Qtde de negação de Pedro				

40. Quantas foram as negações de Pedro?

Textos	Mateus 26.69-75	Marcos 14.66-72	Lucas 22.54-62	João 18.15-27
Onde?				
Quando?				
Quem provocou?				
Em que termos?				
A negação...				
O galo				
Observações				

41. Jesus em Jericó...

Textos	Jesus entra ou sai?	Declaração quanto aos cegos	Ação seguinte...	Observação
Mateus 20.29-34				
Marcos 10.46				
Lucas 18.35-43				

42. Os endemoninhados...

Textos	Quantos?	O que disseram?	O que pediram?	Observação
Mateus 8.28-34				
Marcos 5.1-20				
Lucas 8.26-29				

43. Conversão de Saulo...

Textos	A voz	A luz	Observações
Atos 9.7			
Atos 22.9			

44. Faça a conciliação dos seguintes textos:

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 1. Atos 7.16 com Josué 24.32 | 6. Romanos 3.21-4.25 com Tiago 2.14-26 |
| 2. I Coríntios 10.8 com Números 25.9 | 7. Mateus 27.36,37; Marcos 15.26; Lucas 23.36-38; João 19.17-21 |
| 3. Efésios 4.8 com Salmo 68.18 | 8. I Coríntios 12.1-11 com Efésios 4.7-14 |
| 4. Mateus 1.1-17 com Lucas 3.23-38 | 9. Hebreus 5.1-14 com Hebreus 7.1-10 |
| 5. I Samuel 21 com Marcos 2.26 | |

45. Faça a interpretação dos seguintes textos:

- | | |
|------------------------|-------------------------------|
| 1. I Coríntios 11.1-16 | 15. Lucas 16.1-13 |
| 2. I Timóteo 2.9-15 | 16. Atos 28.1-10 |
| 3. Mateus 10.34-42 | 17. Romanos 14.1-12 |
| 4. Mateus 13.24-30 | 18. Romanos 14.13-23 |
| 5. Lucas 13.18-21 | 19. I Coríntios 1.18-30 |
| 6. Mateus 13.36-43 | 20. I Coríntios 14.1-40 |
| 7. Mateus 13.44-58 | 21. II Coríntios 4.7 |
| 8. Lucas 8.4-15 | 22. II Coríntios 12.1-10 |
| 9. Marcos 4.26-29 | 23. Efésios 6.10-20 |
| 10. Marcos 7.1-23 | 24. II Tessalonicenses 2.1-12 |
| 11. Lucas 9.28-36 | 25. Efésios 6.10-20 |
| 12. Lucas 15.1-10 | 26. Hebreus 12.1 |
| 13. Lucas 18.9-14 | 27. I Pedro 3.1-7 |
| 14. João 15.1-27 | |

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Antonio - *Manual de Hermenêutica Sagrada* - CEP/IPB/1985.
- BERKHOF, Louis - *Princípios de Interpretação Bíblica* - Juerp/1994.
- CHAMPLIN, R.N. ; Bentes, J.M. - *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.
- CROATO, J. Severino - *Hermenêutica Bíblica* - EP/1985.
- DROSNIN, Michael. *O Código da Bíblia: As profecias ocultas no Antigo Testamento*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.
- FEE, Gordon D./STUART, Douglas - *Entendes o Que Lês?* - Vida Nova/1989.
- HENRICHSEN, Walter A. - *Princípios de Interpretação da Bíblia* - Mundo Cristão/1995.
- PAULA, Oséas Macedo de - *Anotações de Hermenêutica Sagrada* - 1992.
- SANTINOVER, Dr. Jeffrey, *A verdade por trás do Código da Bíblia: História real da surpreendente descoberta científica de conhecimentos ocultos nos primeiros cinco livros da Bíblia*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.
- SOBRINHO, Antonieto Grangeiro - *Hermenêutica Bíblica* - CPAD/1981.
- STITT, Willis Gordon - *Hermenêutica II* - Apostila - ABECAR/SP.
- STITT, Willis Gordon - *The NIV Study Bible* - Hadder & Stoughton - UK.